Cinearte

LEWIS STONE

ANNO V N. 223
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 4 DE JUNHO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000

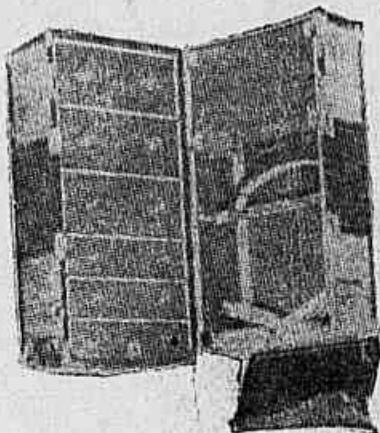
contra
qualquer
dôr

Cafiaspirina

Este afamado producto da CASA BAYER não sómente acalma as dores, como tambem restitue ao organismo o seu estado normal de saude.

A CAFIASPIRINA é preferida pelos medicos por ser absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, de dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

Jackie Coogan provavelmente figurará em Huckleberry Finn, de Marc Twain, para a Paramount.

✣ ✣ ✣

Mary Nolan terá, em Fóra da Lei, na sua versão falada, o papel que Priscillia Dean teve na versão silenciosa. A direcção é do mesmo Tod Browning e o papel de Lon Chaney, tem-no Edward G. Robinson.

✣ ✣ ✣

É possivel que D. W. Griffith faça uma versão falada do seu antigo e tão celebre successo, The Birth of a Nation.

✣ ✣ ✣

Sally Eilers será a heroina de Buster Keaton no seu proximo film M G M.

John M. Stahl, que ia para a M G M, mudou de idéa e assignou contracto com a Universal, *Sincerity*, de Erskine, será o seu 1º trabalho.

✢ ✢ ✢

The General, de Jejos Wilaky, o film que Lothar Mendes vae dirigir, para a Paramount, reune Claudette Colbert e Frederic March em importantes papeis ao lado de Walter Huston, o principal.

Para as versões franceza e hespanhola da *Slightly Scarlet*, da Paramount, o principal será Adolphe Menjou, sob a direcção de Louis J. Gasnier, em ambas. Assim, volta Menjou para a Paramount...

✢ ✢ ✢

Fred Niblo dirigirá Greta Garbo em *Red Dust*, argumento de Fred de Gressac, que será o seu proximo film M G M depois de *Romance*, de Shelson.

A Homicida, que De Mille, ha annos, fez, para a Paramount, com Thomas Meighan e Leatrice Joy, está sendo refilmado e tem Claudette Colbert e Frederic March em papeis importantes.

✢ ✢ ✢

O que Colleen Moore allegou para processar John Mac Cormick e requerer o seu divorcio, foi crueldade. Mas então, seu John, batendo na pobrezinha da Colleen Moore?... Grandessissimo Lon Chaney!

John Adolfi dirigirá Bessie Love em *Penny Arcade*, para a Warner, á qual foi emprestada pela M G M. Trata-se de uma peça que foi comprada em New York por Al Jolson, para a Warner Bros.

✢ ✢ ✢

Os Christies, Al e Charles, fizeram um accôrdo com a Columbia, para a qual farão comedias. A primeira dellas será a versão falada da *A tia do Carlito*, ha annos feito com Syd Chaplin no principal papel.

E A SEGUIR OS FILMS SONOROS:

6 - **Arco Iris,** da Sono-Art, com Eddie Dowling e Marian Nixon — 7 = **O Grande Gabbo**, da Sono-Art, com
Erich von Stroheim e Betty Compson — 8 - **Prisioneiros da Montanha**, da Sokal-Sofar, (que a critica diz
de uma grandiosidade rara!) — 9 - **Amor e Box** com Olga Tchechowa e Max Schmeling — 10 - **Sob a arvore
da Floresta Verde,** (Under the Greenwood Tree) — 11 = **O passado de uma mulher,** da Tiffany Stahl, com
Belle Bennett e Joe Brown — 12 - **Piccadilly,** da British International, com Anna May Wong, Gilda Gray
e Jameson Thomas — 13 - **O Pareo da Honra,** da Tiffany Stahl, com Ricardo Cortez, Alma Bennett e Wil-
liam Collier Jr. — 14 - **Tesh,** da British International Pictures, com Maria Corda — 15 - **Atlantic,** da British
International Pictures, direcção de Dupont, com Franklyn Dial e Madeleine Carrol — 16 - **La Nuit Est A' Nous**
da Société Pathé-Nathan, com Marie Bell — 17 - **"Revista Frivolidades"**, com a troupe da Companhia Velasco —
18 = **Troika,** da Pax Film, com Olga Tcheheowa, — 19 - **Le Roi de Paris,** da Greenbaum Film, com Suzanne Bian-
chetti e Iwan Petrovich — 20 - **Verdade Verdadeira,** da Tiffany Stahl, com George Jessel — 21 - **Tarakanova,**
da Aubert-Franco Film, com Edith Jehanne e Klein Rogge, — 22 = **O Cavalleiro,** da Tiffany Stahl, com Ri-
chard Talmadge, — 23 - **No Inferno de Verdun,** grande film evocativo, — 24 - **Dois Mundos,** uma obra de arte
— 25 - **Panico!** da Harry Piel Film com Harry Piel.

Companhia Brasil Cinematographica — (Rio) — S. A. Empresa Serrador — (São Paulo)

BREVEMENTE:
O Rei Vagabundo
(Vagabond King)
Uma super-opereta da PARAMOUNT,
toda cantada e toda colorida, com
Dennis King,
O maior actor lyrico americano e
Jeanette MacDonald,
a immortal creadora da rainha
Louise em Alvorada do Amor
1225

BERNICE CLAIRE E ALEXANDER GRAY

EM "THE GOLDEN DAWN".

A permanencia do film "A Alvorada do Amor", por mais de mez, no programma de um unico Cinema na Avenida é claro indicio de quanto o Cinema sonóro vae alterando os habitos dos apreciadores dessa diversão.

Tal cousa era commum com o film silencioso nas grandes cidades americanas, em Paris, em Londres, em Berlim.

Aqui, quando o film se conservava uma semana no cartaz quasi vinha abaixo o mundo, de espanto. Era um successo pouco visto. A regra era apenas permanecer tres dias.

Esse facto era mesmo um dos motivos que as Agencias locadoras allegavam para exigir preços altos pelo aluguel dos films, sustentando ser o unico meio ao seu alcance para obter compensação razoavel.

A manutenção de um film no programma por mais de um mez compensará de algum modo, nas grandes cidades em que o publico avulta, a excassez da producção com que vem lutando as agencias.

O problema, porém, persiste de forma ameaçadora para os pequenos exhibidores, especialmente os do interior do paiz, que durante muitos annos ainda terão de se satisfazer com os programmas de films silenciosos, justamente os que cada vez mais se affastam das cogitações dos grandes productores.

Nas pequenas notas que de vez em vez publicamos sobre "cinemas e cinematographistas" temos alludido ás transformações que vêm soffrendo varias das agencias estabelecidas entre nós, transformações impostas pela mingua de negocios, desde que o film sonóro passou a predominar no campo da producção. Essas transformações, representadas por suppressão de sub-agencias, diminuição do numero de empregados etc. mostram que o commercio cinematographico está sendo e continuará a ser absolutamente alterado, essencialmente modificado.

Para o publico das grandes cidades isso representa uma identica tranformação em seus habitos. Já não haverá mais os "habitués", bi-hebdomadarios, das mudanças de programmas, nem será mais possivel a frequencia a uma só casa de espectaculos. Será a repartição equitativa dos lucros para todas desde que os programmas se equivalam.

Estamos apenas nos primeiros tempos. Cada dia que passa, mais accentuadas serão essas transformações.

Uma correspondencia publicada em jornaes desta cidade narra a dolorosa impressão soffrida por patricios nossos vendo correr na téla de paiz estrangeiro alguns aspectos do Brasil, em film que se dizia de propaganda.

Estamos daqui a jurar que essa producção cinematographica terá sido realizada á custa de subvenções do Thesouro Nacional.

Os cavadores são tão ousados e a simpleza da nossa administração tão grande que não será para nós cousa do outro mundo que isso na realidade aconteça. Existem por ahi algumas duzias de cavadores espertos que sabem como se haver para conseguirem encommendas officiaes de films que redundem quasi sempre em desastrada contra-propaganda do nosso paiz. Ahi está um assumpto que deveria merecer a attenção das autoridades.

Nós costumamos nos indignar e protestar contra taes cousas que são prejudiciaes aos nossos creditos, mas isso só por pura formalidade, quando do que careceriamos seria de uma fiscalização mais severa e especialmente de menos facilidades por parte da administração publica. Taes films felizmente pouco se recommendam por suas qualidades, feitos como são por pessoal inexperto em cousas que dizem respeito á technica operatoria. Assim, o que mais representam ás vezes é prejuizo do Thesouro. Quando um porém, e ás vezes por instancia dos nossos proprios representantes no estrangeiro, logra ser exhibido, ahi vêm os protestos dos brasileiros que assistem á sua passagem. Seria bem melhor que o governo se abstivesse de animar essas cavações que redundam em desserviço ao Brasil.

ANNO V
NUMERO
2 2 3

4 DE
JUNHO
DE 1930

CRUZETTA MORENO NUMA SCENA DO FILM "EUFEMIA", DA INTERNACIONAL DE S. PAULO

Ainda não ha muito tempo, lia-se todos os dias num jornal do Rio:

"Amadores de Cine. Precisa-se de pessoas photogenicas de ambos os sexos para filmar. Associação Artistica a rua Senador Dantas, 21. Trazer photographia."

Só pelo annuncio já se ve do que se trata e "CINEARTE" enviou um dos seus reporters que se apresentou como candidato. Todo mundo é artista de Cinema. Photogenia não é apenas no rosto. E' o todo do typo. Ha rapazes que photographam admiravelmente nos "close ups" e que, entretanto, não servem para galãs, por exemplo, porque andam mal, não têm elegancia e por mais que se arrume, não sabem vestir-se. Toda a questão é apenas adaptação do typo.

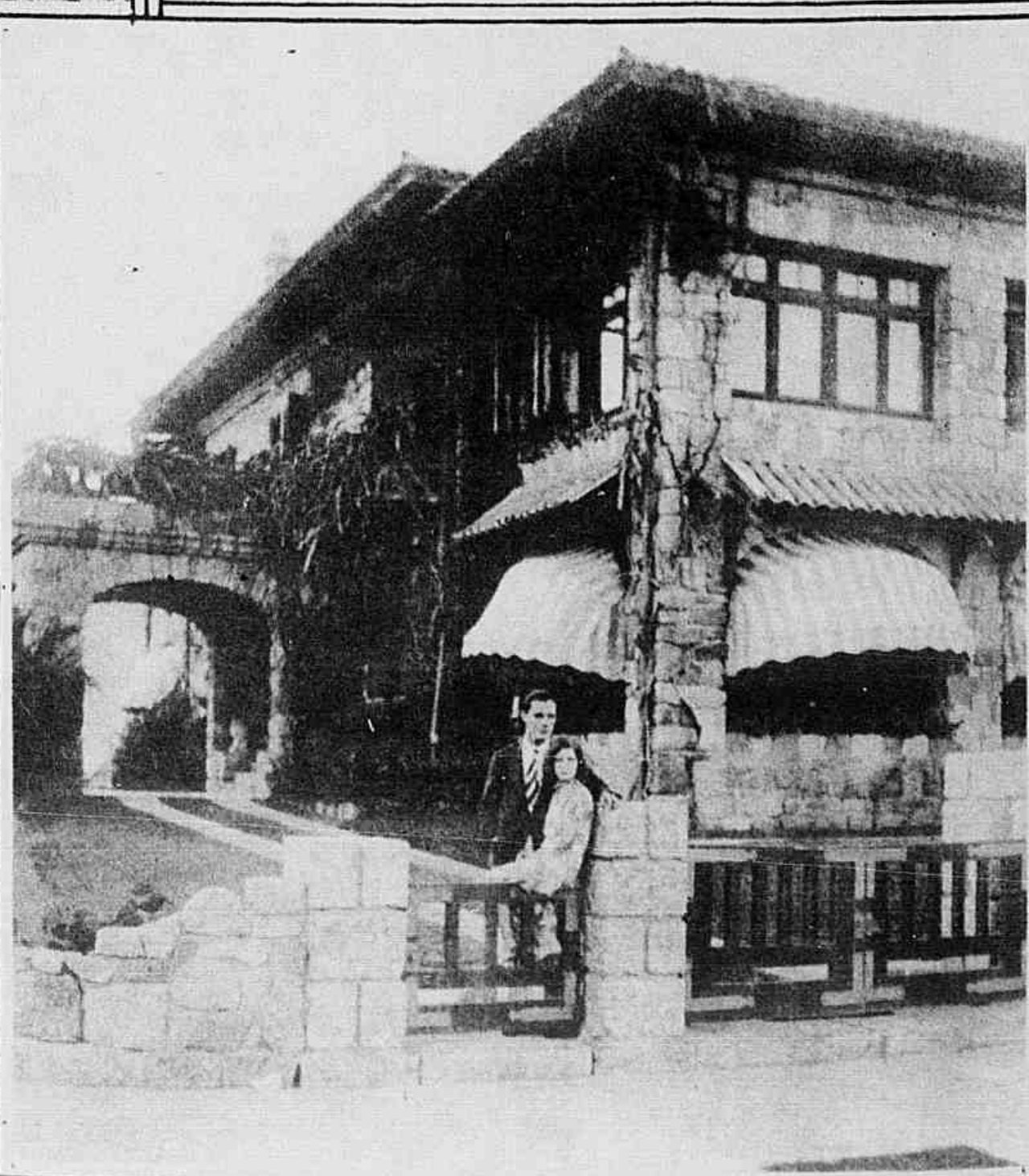
Na escolha do typo já está a direcção. Considerando assim, o nosso companheiro poderia até levar a serio a sua apresentação como candidato. Mas lá haviam algumas moças, uma dellas até empregada da "Associação", que riram com a photogenia do enviado de "CINEARTE"... Que, afinal, depois de alguma espera, foi apresentado a um tal dr. Quintella (Elle fez questão do Dr., no tratamento...), senhor portuguez que se disse ex-vice-presidente de uma grande empresa em *Nova*-York... O nosso companheiro fez todas as expressões de odio, vingança, alegria, etc., referidas pela "Associação". Depois foi-lhe fornecido um prospecto impresso que retemos em mão. Ao alto, lê-se: — "Associação Artistica Beneficente. Ensino *gratis* da arte Dramatica e Cinematographica. Rio de Janeiro. "Adiante, uma grande argumentação de que tambem podemos ter Cinema na America do Sul, tendo como autor "A Directoria".

A eterna lenga-lenga de que podemos fazer films porque temos lindas paisagens. Affirma que a "Associação consta de uma escola para formar artistas de Cinema. *Gratis*. Mas pede um "donativo" ao alumno e de "muitas pessoas de coração, amigas do seu paiz, admiradores da arte e devotadas a fazer bem"... Ainda outras considerações engraçadissimas. Depois, salienta como grande vantagem que "cada socio ou socia, dispõe duma caixa do correio pessoal"... E, por fim, abaixo, um coupon para ser destacado e enviado com os donativos para o "desenvolvimento dessa prestimosa Associação".

Ora, ja é tempo de acabarmos de vez com taes explorações. Já é por demais conhecida, aliás, a opinião de "CINEARTE" que e a opinião, tambem, de qualquer pessoa de senso commum sobre estas escolas. Por questão de technica Cinematographica estas escolas nada adiantam. Discordar de toda aquella argumentação do Professor Michailowsky, ha pouco tempo publicada no "Globo". Ora, peor ainda é esta escola da rua Senador Dantas que apesar de não ter nenhuma figura de artista a sua frente, ainda se trata de uma exploração. Não sabemos se ella continúa funccionando. Já fizemos o que nos competia. Dizem até que este senhor Quintella trabalha por qualquer pretensãozinha junto a Prefeitura. Não nos interessa. Este é um caso de policia. Os nossos dirigentes sempre "snobs" para tudo que diz respeito a Cinema, não dão a menor attenção a estes casos. E' por isso que nos batemos por uma associação de productores, formado pelos que realmente trabalham por qualquer cousa mais significativa para o nosso Cinema. Trataria dum caso como este e de muitos outros...

* *
*

Almeida Fleming foi o director de *Paulo e Virginia*. Mesmo atravez da má confecção do film, nós todos sentimos que havia ali um cerebro Cinematico. Imprimiu as mais suaves expressões naquelles rostos todos mal maquillados dos seus artistas. Depois, vendendo até os moveis de sua casa, elle fez "O Valle dos Martyrios", um titulo que já dizia toda a sua ironia de director. Não fez mais cousa alguma. Elle se viu mais sem recursos do que a machina quebrada com que trabalhava... Pois agora, vae ser mais difficil ainda a sua volta. Porque Octavio de Paiva, um dos seus artistas em "O Valle dos Martyrios" e um dos seus grandes auxiliares, o mais enthusiasmado e o mais confortador talvez, acaba de se despedir do seu director e do mundo. Octavio de Paiva morreu. Era um elemento sincero. Pretendia continuar no nosso Cinema. Era patriota. Nos seus ultimos instantes ainda se lia na

CLAUDIO NAVARRO E GLORIA SANTOS NUMA SCENA DO "MEU PRIMEIRO AMOR DA GLORIA FILM.

sua physionomia todos estes seus sentimentos. Nesta hora, com certeza, Octavio de Paiva, devia ter pensado no Cinema Brasileiro. Devia ter desejo de ainda dizer: — Não esmoreça, Fleming! Apesar de todas as zombarias, já passamos pelo peor. O Cinema Brasileiro nada tinha e hoje já é discutido e procurado. Continue, Fleming!

"O Jornal do Brasil" instituiu um concurso para apurar qual foi o melhor film exhibido no Rio em 1929. E' interessante notar que a votação que vêm alcançando "Braza Dormida" e "Barro Humano", films aliás que marcaram uma nova era, para o Cinema Brasileiro. Chamamos a attenção dos leitores para este concurso e lembramos aos "fans" do nosso Cinema um auxilio para a votação.

* *

*

Já vão adiantadas as filmagens de "Labios sem Beijos", da "Cinédia". Lelita Rosa com uma opportunidade bem maior do que a de "Barro Humano", mostra-se dia a dia uma artista interessantissima. Está photographandc admiravelmente e o seu typo se torna cada ve. mais curioso. Além disso, as "toilettes" de Lelita são dignas de nota. Ella se tem apresentado como nenhuma outra artistá do nosso Cinema se apresentou até agora. Lelita, já é "chic" por natureza. Se nada mais houvesse em "Labios sem Beijos", bastariam a sua figura e as paisagens maravilhosas que vão ser apresentadas. Mas a primeira producção da "Cinédia" tem a direcção de Humberto Mauro. A figura de Paulo Morano. A estréa de Didi Viana num papel lindamente adaptado ao seu typo, emquanto ella prepara "O Preço de um Prazer" em que se vae apresentar simplesmente maravilhosa. Tem Julio Danilo, Gina Cavallieri, João Guimarães, Joaquim de Almeida e ainda dous typos de mulher que vão causar sensação.

UMA PASSAGEM DO FILM "LABIOS SEM BEIJOS" DA CINÉDIA. NO AUTO, VEEM-SE LELITA ROSA E DIDI VIANA

NELSON DE OLIVEIRA E LAES MAC RENI NUMA SCENA DO FILM "O MYSTERIO DO DOMINO' PRETO" DA EPICA FILM DE SÃO PAULO.

Humberto Mauro está activando a filmagem para dar inicio a sua primeira super-producção cujo titulo ainda não está escolhido. Já está trabalhando activamente no "scenario" em companhia de Octavio Mendes que é o autor do argumento. Já está considerando Raul Schnoor, Didi Viana, Tamar Moema e Decio Murillo para os principaes papeis.

ROSA MARIA E DUSTAN MACIEL

卐卐卐

Lucille Webster Gleason, esposa de James Gleason, aquelle individuo peroba que anda caceteando meio mundo com seus films falados, acaba de ser contractada para dirigir films para a Columbia. Antes isso. Porque dirigindo, ao menos, não se lhe vê o rosto...

卐

Scolland Yard será o vehiculo proximo de Edmund Lowe para a Fox.

卐

Good Intentions, da Fox, terá Victor Mc Laglen no principal papel e David Butler dirigindo.

卐

Marshall Neilan foi escolhido para dirigir Mary Pickford em *Secrets*.

卐

Eisenstein, o celebre director russo, foi posto para fóra da França, pela policia, quando tentava exhibir o seu ultimo trabalho em Paris.

卐

A Pathé Nathan, de Paris, acaba de contractar os trabalhos de Oscar Strauss, até 1932, tão cedo termine o seu contracto com a Warner.

卐

Resurreição que, ha annos, foi um successo formidavel para Dolores Del Rio, será feita, falada, pela United e pela Tiffany. A versão da United apresentará a propria Dolores no mesmo papel.

卐

The Caveman, da Paramount, reune o seguinte elenco sob a direcção de Victor L. Schertzinge. George Bancroft. Doris Kenyon. Alan Hale. William Austin.

卐

Billy, the Kid, da M. G. M., tem John Mack Brown como principal e Lucille Powers como heroina. Russell Simpson é um dos principaes e King Vidor dirige.

卐

Lola Lane foi contractada por cinco annos por James Cruze, para a sua companhia.

卐

Old English será o proximo film de George Arliss para a Warner Bros.

Uma hora com Raul

(De Octavio Mendes)

MAMÃE SCHNOOR E O SEU "BABY", COMO LHE CHAMA EM CASA.

E' alto como Gary Cooper. Forte como George O'Brien. E' mais sympathico do que Richard Dix. E delicado e attencioso como só o são os artistas do Cinema Brasileiro...

Estreou com o *Barro Humano*. Sempre trabalhando por amadorismo, pequeninos *bits* que lhe deram.

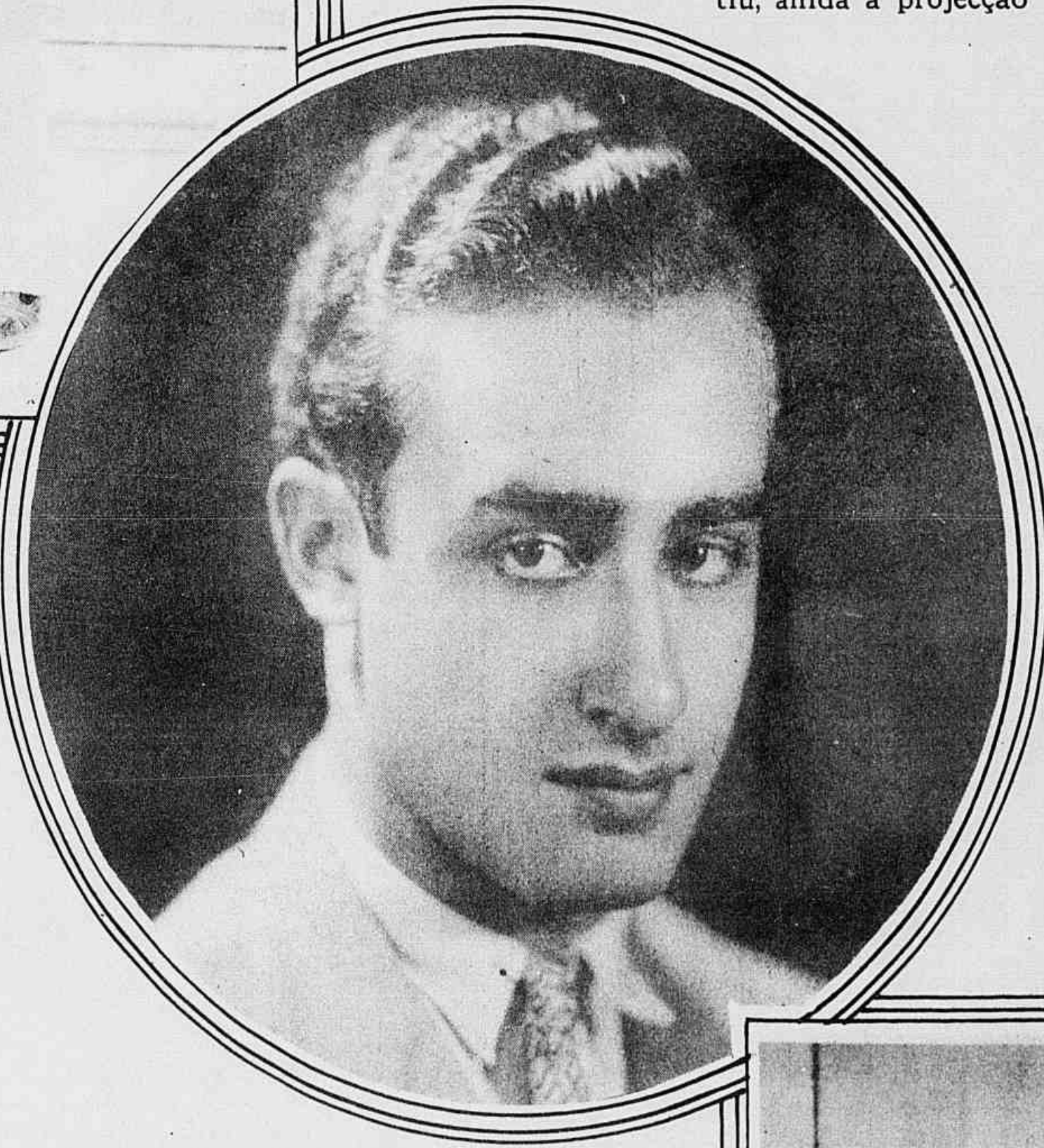
Depois, com Gina Cavallieri, Estella Mar e seu mano, Sylvio Schnoor, figurou como principal em *Paralellos da Vida*, o film que Gentil Roiz tem quasi terminado.

A sua preoccupação capital, na vida, não é o Cinema. Tem seus negocios. Suas occupações. E, com ellas, já tem o bastante para pensar... Se bem que tenha apenas um caso mais serio em Copacabana...

Mas o Cinema, além de ser diversão. E', para elle, arte sem par. Para a qual elle dá o melhor da sua bôa vontade e o maximo do seu apoio.

Pelo seu typo. Pela sua estatura. Pela sinceridade com que se põe diante de uma objectiva. Está fadado a vencer. E, para elle, ainda muitas são as opportunidades verdadeiras que virão...

Agora, por exemplo, ao lado das suas occupações, preoccupa-o a confecção, ao lado de outros amigos, de um film que se chama *Limite*. Argumento da autoria de Mario Peixoto. E que tem todos os preparativos já promptos para entrar em filmagem.

O grupo que o fará. Todo composto de amadores. Pretende terminal-o dentro em breve. E sendo um argumento realista. Feito apenas com intuitos artisticos. Estando, nelle, a belheteria completamente olvidada. Será, por força, um dos grandes films Brasileiros e a revelação de mais um conjuncto de amadores que, corajosos, unem-se aos já existentes e sinceros, para formar a barreira inexpugnavel que será o Cinema Brasileiro.

Raul Schnoor terá um papel, de homem. E, com elle, encaminhará a sua personalidade direitinho para a absoluta admiração dos já sem conta fanaticos pelo nosso Cinema.

Conversamos sobre assumptos varios. Elles aqui,, em forma descripta, irão para a curiosidade das que já o admiram e já lhe escrevem cartinhas perfumadas pedindo photographias autographadas...

Elle não é um enthusiasta rubro do Cinema Brasileiro. Acha que é uma necessidade. Grande, mesmo. Mas não acha que se deva apoiar, por isso, qualquer iniciativa. Citou impressionado, a realisação formidavel que Adhemar Gonzaga está levando a effeito. Com a construcção do seu Studio. E com a compra de machinarios modernos. E contracto de elementos technicos os melhores. Acha que isto, para nós, já representa algo que deve enthusiasmar a todos que se sintam attrahidos pelo Cinema Brasileiro. E, assim, crê, firme, que com um grupo assim. De profissionaes-amadores. O Cinema Brasileiro não poderá mais ser posto em duvida. E citou, como directores Brasileiros que admira, pelos seus conhecimentos de Cinema, Adhemar Gonzaga e Humberto Mauro, cujos trabalhos já apreciou.

No Cinema, em geral, elle aprecia os argumentos cheios de realismo. Com poucos atavios de bilheteria. Diz elle que todo film que disso foge, é Cinema de romance barato...

Sobre o que já fez, para o Cinema, nada quiz dizer. Porque, afinal, não assistiu, ainda a projecção de *Parallelos da Vida*. E, logicamente, nada poderá dizer. Teve palavras de elogios a tenacidade e ao esforço de Gentil Roiz.

Disse, apenas, que os papeis de galã em absoluto o seduzem. Que elle prefere um genero mais pesado. Cousas assim "a la" George Bancroft... Porque o galã, geralmente, tem os olhos de 90 °|° da platéa sobre si. E o homem homem, nem tanto... E que os desempenhos dentro de um smocking sempre sáe menos natural do que um desempenho dentro de uma camisa de mangas arregaçadas e golla aberta...

Falamos, antes, sobre Cinema Brasileiro. Elle commentou *Barro Humano* e *Sangue Mineiro*. Achou que o primeiro é uma promessa. Muito embora seja, hoje, 50 °|° do que se já pode fazer aqui. E, sobre *Sangue Mineiro*, disse elle que lhe admirou, particularmente, a photographia e a originalidade em apanhados de machina. Elogiando, ainda, detalhes notaveis do film que attribuiu, sem titubear, ao director do film, Humberto Mauro.

Acha, das artistas Brasileiras, Carmen Santos e Nita Ney, figuras interessantes. Ainda não aprovei-

tadas no que realmente poderão fazer. E diz ter muita fé em Didi Viana e Tamar Moema. Lelita interessantemente exotica.

Dos artistas, prefere Pedro Fantol e Maximo Serrano, que reputa os mais sinceros e expontaneos nos seus desempenhos.

Schnoor

Tendo já figurado em algumas peças theatraes, para o Theatro de Brinquedo, de Alvaro Moreyra. Perguntei-lhe se prefere-o ao Cinema.

— Não. Prefiro o Cinema. Porque é mais real. E' mais expontaneo. Mas o theatro de Alvaro Moreyra, permitta-me accrescentar, é dos mais attrahentes e dos mais intelligentes que até hoje vi. Theatro assim, creia, dá gosto. Para os amadores que trabalham e para os que o assistem.

Depois disso, discutindo-se diversas cousas, cahiu a conversa no terreno do Cinema norte-americano.

Perguntei-lhe, antes de mais nada, se acha que Cinema falado é aquillo que o publico quer.

— Não creio. Eu acho que Cinema falado não é arte. Até o dia em que não apoiarem a acção ao dialogo. Depois, quando se fizer Cinema tendo a voz como complemento, ahi sim, o Cinema falado será arte!... *Alvorada do Amor*, por exemplo, já tinha 70 °|° disso que falo acima...

Perguntei-lhe o que lhe chamava mais attenção num film. Se a direcção. Se a interpretação. Se a perfeição do scenario. Se a photographia.

— A originalidade dos angulos de machina! Aliás, assim sendo, elogio a direcção e a estou observando, é logico. Porque, afinal, quem é que colloca a machina aonde acha conveniente sinão o director?... O apanhado intelligente, original, é a vida do film.

— E os artistas? Quaes prefere?

— A figura maxima do Cinema norte-americano, para mim, é George Bancroft. Eu o admiro muito. E a mulher que mais aprecio, é Evelyn Brent. Digo-lhe, antes que me pergunte, que não gosto de Greta Garbo...

RAUL E' UM GRANDE LEITOR DE "CINEARTE"

Fiquei admirado. E' logico. Porque, afinal foi o primeiro homem que ouvi dizer não admirar a suéca divinal...

— Directores...

Continuou elle, já advinhando a pergunta.

Von Stroheim, Lubitsch, Murnau e Von Sternberg. Harry D'Arrast, no emtanto, com *Martini Cocktail*, passou a merecer a minha grande admiração. Não inclui, acima, Florence Vidor, porque sei que abandonou o Cinema...

— Um dos films norte - americanos que apreciei, foi *Ouro e Maldição*, de Von Stroheim, dentro do genero que admiro mais. E, mais tarde, *Seducção do Peccado*, com Gloria Swanson, foi outro que apreciei bastante. Porque foi, innegavelmente, a revelação de uma outra Gloria Swanson que todos ignoravam existir...

Depois disso, sorriu elle com intenção e olhando-me, disse:

— Mas o Cinema allemão e o russo, para mim, são os que mais arte revelam. Não que eu chame de arte. Apenas caras sujas e angulos tortos. Mas é que os films bons, que elles fazem, são realmente bons. Não soffrem a oppressão da bilheteria que tem sido, sempre, a verdadeira canga do film norte-americano...

Quando Raul era realmente o Baby...

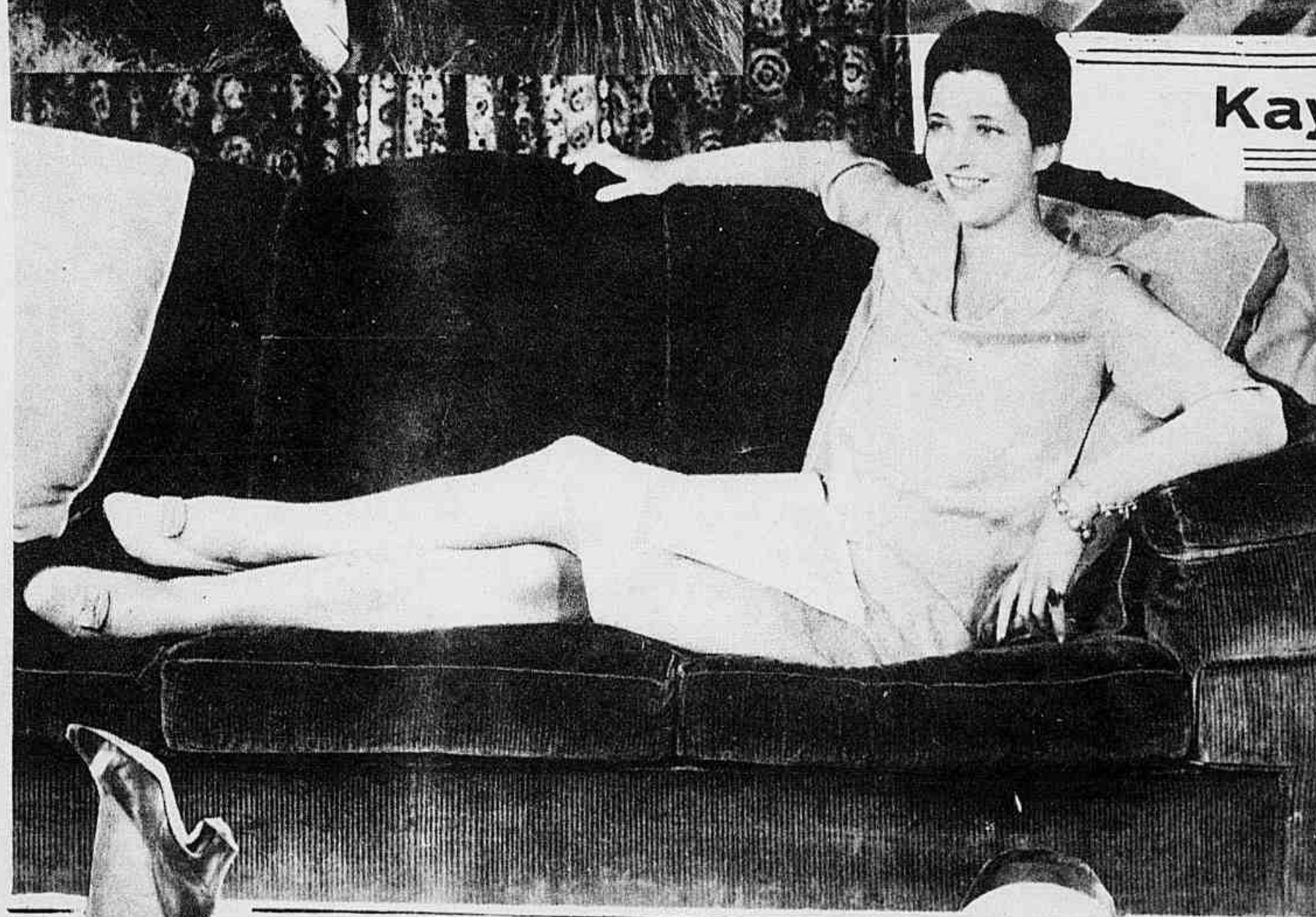
— *Cadaver Vivo*, *Tempestade sobre a Azia*, *A Ultima Gargalhada*, foram films notaveis. Pelo seu realismo. Pela sua confecção puramente artistico. Reconheço que peccam pela falta de photogenia. E, bem por isso, queria que o Cinema Brasileiro que nasce, fosse um conjuncto que reunisse a photogenia do americano. O realismo do russo. E a perfeição techinica do allemão. Pode ser que isso seja a consequencia do meu estado de espirito. Favoravel, como sou, aos papeis reaes.

Foi tudo quanto conversamos.

A sua prosa agradavel. Suas ideas sinceras, imittidas com rapidez e firmeza. Fazem de sessenta minutos que se passe ao seu lado, apenas um dos mais agradaveis instantes.

Elle apparecerá em *Parallelos da Vida*. E, mais trade, em *Limite* Depois...

(Termina no fim do numero)

Kay Francis...

(SOMBRAS DE GLORIA) — *SONO ART*

JOSE' BOHR . . . . *EDDIE WILLIAMS*
MONA RICO . . . . *HELENA*
Franscisco Maran, Cesar Vanoni, Ricardo Cayol, Enrique Acosta, Roberto Saa Silva e Frederico Godoy.

Director: — GEORGE CRONE

— Não. Eu me empregarei, Eddie! E discutiram. Eddie não a queria trabalhando. Helena queria trabalhar. A vida, dia a dia, tornava-se mais miseravel para elles. E, assim, quando a necessidade tornou a apertar, Eddie preci-

Sombras de Gloria

sou concordar e deixar que Helena se empregasse... Tempos se passaram.

Tudo parecia correr na mesma simplicidade dos outros tempos. Nada parecia alterar aquillo. Elle, sempre Eddie soffrendo, doente e Helena, abatida e de moral quasi abatida. Vendo quão desgraçado seu esposo era. A lutar pelo sustento da familia.

Um dia, cheio de ciumes, Eddie contava os minutos para o regresso de Helena. Não a queria um minuto atrasada. E, naquelle instante, já eram muitos os que iam além da hora que elle estipulara para o seu regresso...

Não parava. Agitado, caminhava em todos os sentidos. Não conseguia reprimir o impeto do seu sangue. E o ciume, terrivel, invadiu seu coração.

Mas desceu ao porão de sua casa. Ia apanhar o remedio que alliviasse os seus males. E, quando já de volta se achava, ouviu passos e um rumor de vozes.

(Termina no fim do numero)

Durante a guerra. Pelos seus feitos e pelas suas bravuras. Eddie Williams conquistara, justamente, a fama de heróe. Não poucas foram as medalhas que lhe ornaram o peito. E não pequena a admiração de que era alvo...

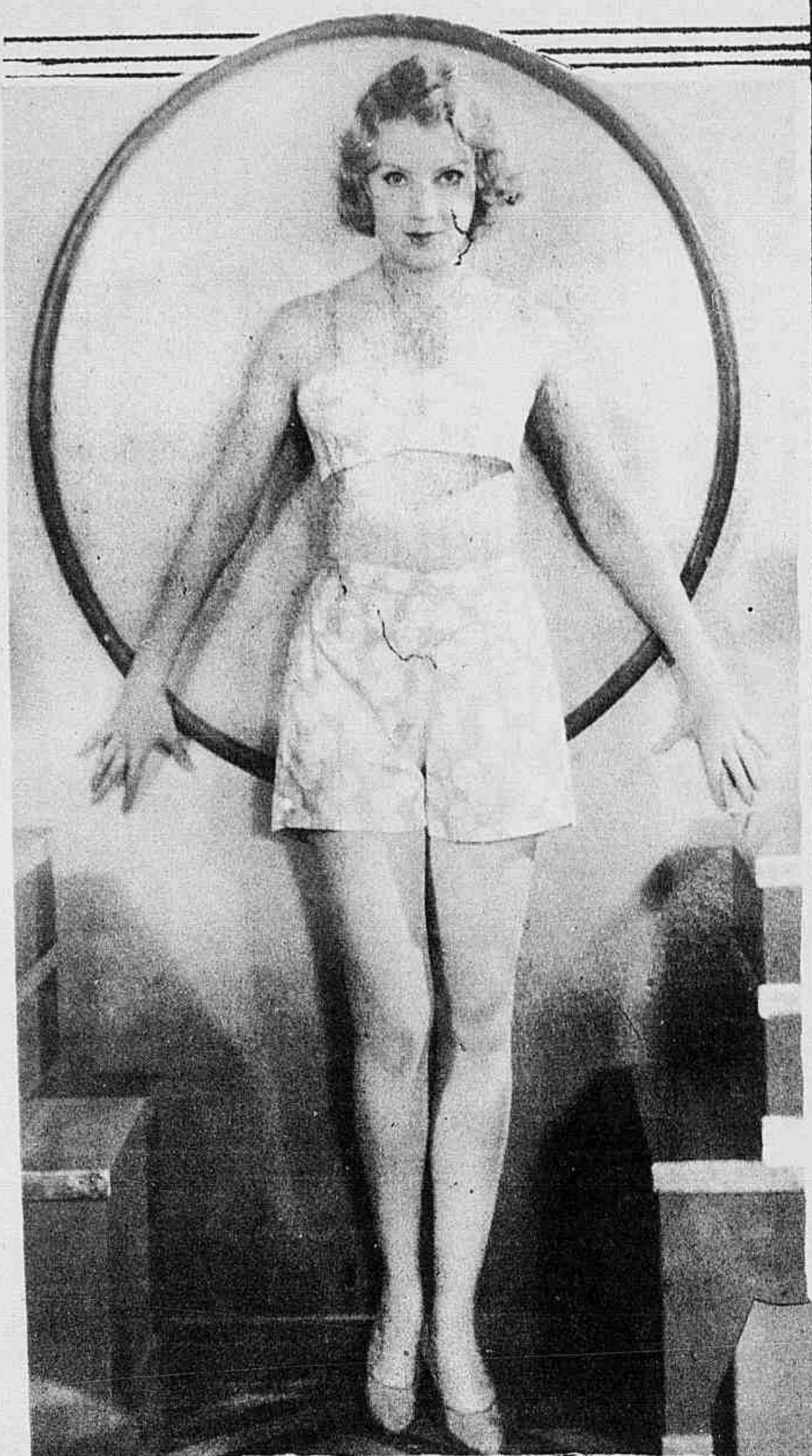
Estava para voltar. Tudo parecia que lhe ia sorrir. Nada fazia possivel uma desgraça. Uma mudança no seu destino...

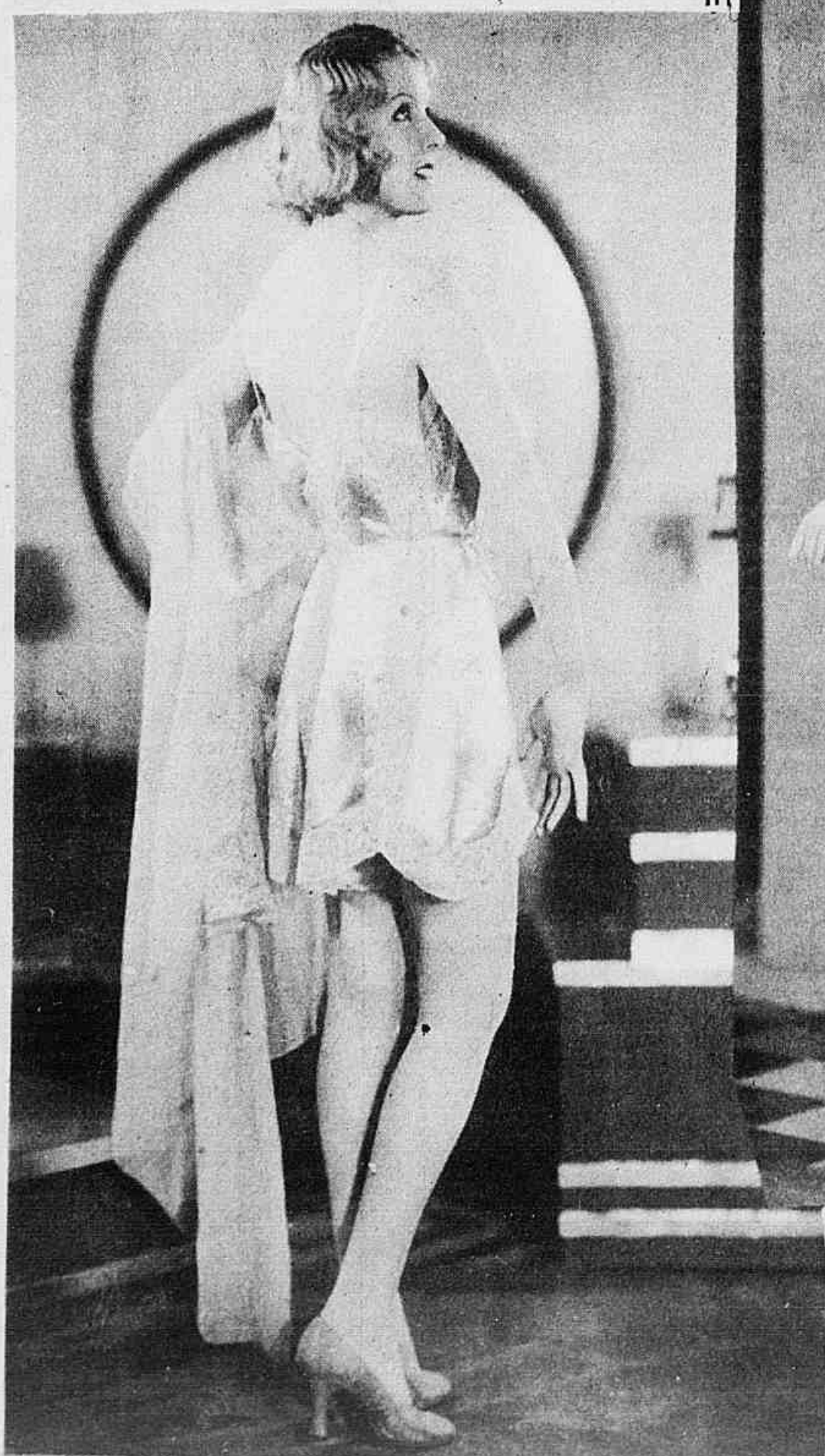
Lembrava-se, antes do seu embarque, dos seus tempos de antes da guerra. Dos successos que colhera no palco. Da vida de glorias e palmas que sempre usufruira... E, tambem, lembrava-se de Helena. Quando a conheceu. Quando a amou. O primeiro beijo que trocou. O noivado. E, por fim, o casamento. E tambem de Jean, um rapazinho que criava e que era toda a sua razão de viver.

Mas... Assim que regressou, algo de grave e de terrivel c esperava. Eram os restos de gaz asphixiante que guardava nos pulmões. Aquelle gaz que tanto martyrisava os infelizes que o houvessem aspirado...

E Eddie, coitado, sentia-se vencido. Derrotado. A coragem que nunca lhe faltára, começou a faltar-lhe. Não teve forças para continuar a lutar. Tudo lhe parecia ruim. Impossivel de realizar... E, além disso, os seus soffrimentos physicos, eram sem conta e faziam-no soffrer medonhamente...

Helena, meiga e bôa, como sempre, não o abandonava. Tratava-o com a maior amizáde e com o seu grande amor. Jean, sempre solicito e meigo ao seu lado. Mas era tal o seu estado de espirito e tal a agitação terrivel da sua alma, pelo effeito da molestia terrivel, que nada elle sentia e nada lhe parecia bom... Chegou o momento em que a necessidade os premiu.

— Arranjarei trabalho!

Helen Kaiser, não. Helen granada...

Helen Kaizer

Helen Kaiser? Ora essa! Ninguem vae perguntar se você é filha delles, não.

Negar, não posso!

(SHE COULDN T SAY NO)

"Film" Warner Brothers com Winnie Lightnr, Chester Morris e Sally Eilers.

— Ella não é bonita, mas tem uma vóz!...

— Não desdenhes, não. E' um "pedaço"...

— E' artista... E vou protejel-a...

De facto, *Frank Casey*, um desses individuos de casaca que vivem fóra da lei, desde esse dia começou a proteger *Winnie Harper*, cantora de cabarets... Emquanto elle visava, tão somente, lucros commerciaes com a vóz admiravel de *Winnie*, ella se prendia pelos laços mais fortes da mais forte affeicção... Começaram a viver juntos, numa relativa felicidade, elle ganhando bom dinheiro e ella ganhando os sorrisos da gloria...

—O—

Não foi preciso que decorresse muito tempo para *Winnie* vencer. Nem muito tempo, tambem, para se convencer que a felicidade é a maior mentira deste mundo... E' que *Winnie* começou a vêr que se mettia na vida do amante, com todo o cortejo de suas seducções, uma creaturinha deliciosa, da alta sociedade, que demonstrava andar doidinha por elle... E — o peor — *Casey* inclinava-se para ella, vencido, sedento dos seus beijos e do seu amor... Entre *Winnie* e *Casey* alvoreceram, dahi em diante, desintelligencias que foram crescendo, crescendo, até que, um dia *Casey* depois de uma rixa violenta, deixou-a mergulhada em lagrimas — correndo para o amor e para os beijos da outra...

Frequentando a casa de *Iris* — a adoravel vampiro que o empolgava — *Casey* sentiu-se mal no meio, extranhando-o porque estava deslocado, porque os assumptos em fóco, se bem que variados, eram differentes dos que o preoccupavam sempre. Era a differença de nivel social que se evidenciava — elle, criminoso de berço só convivera até então com gente da sua especie ou gente de especie mais inferior ainda. De modo que chegava até a sentir-se mal, ali... E foi por isso que, um dia, vendo que não se adaptava ao meio, delle fugiu, para sempre, dizendo a *Iris* que a ella só voltaria quando tivesse muito dinheiro... E foi assim que, vencido por essa desillusão, *Casey* voltou ao amor antigo que o recebeu com o mesmo carinho de sempre...

—O—

Ha destinos cheios, sempre, das sombras da maior desgraça. Assim o de *Winnie*. Ainda ella não havia despertado para a felicidade que voltara quando *Casey* lhe foi arrancando dos carinhos, pelas mãos sempre crueis da policia...

—O—

No mesmo dia em que *Casey* entrou para o carcere, duas mulheres se desdobraram em desvelos procurando, com as palavras mais animadoras, attenuar-lhe as horas amargas, *Iris* e *Winnie*... E do mesmo modo, entre ellas começou uma luta surda, silenciosa, cada qual

(Termina no fim do numero).

A VIDA DE

orchidéa de estufa que ella é para os raios purissimos do sol...

Ha uma pergunta que é superflua. Sente-se ella feliz, de novo, pisando o seu torrão natal? Tocando neste particular, seu rosto se illuminou e se animou. O amor de Greta Garbo pelo seu paiz de origem é innato e enorme.

Annos passados em Hollywood, quando regressou á Suecia, e, finalmente, ao pequenino suburbio de Stockholmo, encontrou ella, na estação, sua mãe que a esperava de braços abertos. Esse suburbio chama-se Södertälje.

Depois de abraços e caricias, innumeras, ella exclamou.

— Agora eu me sinto realmente feliz!

E quando o trem atravessou a ponte sobre o Mälar, encheram-se seus olhos de agua que não eram, precisamente, lagrimas de tristeza...

— Sim, sinto-me feliz!

E' a chave que abre seu coração. A sua attitude é sempre espiritual. Continuará ella sendo sempre feliz?...

— Sempre me senti inclinada á melancolia. Mesmo quando menina, sempre preferi a solidão. Detesto a

Não pude acreditar que morrera. Agora, aqui em casa, revivendo tudo, sinto-a nos minimos detalhes deste meu lar de annos e recordo com minucias a nossa infancia...

— Eu era a mais joven entre os irmãos. Mas, não sei porque, sempre me respeitaram elles como se eu fosse a mais velha. E, na verdade, explica-se isto. E' que, intimamente, nunca me senti joven, creia-me! Sempre tive opinião. E os outros, quando queriam decisões calculadas, procuravam-me. Sempre solvi os seus problemas infantis. Mas fui exquisita.. A's vezes ria e depois chorava. E então, eram elles, meu bom irmão e minha irmãzinha, que me abraçavam e que me confortavam...

—E como se interessou pela sorte de representar?

Perguntei-lhe para lhe cortar as lagrimas que já vinham...

— Nasceu commigo. Nunca tive um só parente artista. Quando era pequena, ainda, costumava pintar-me como achava que se pintavam as artistas e, com meus irmãos, representava.

— Aos 7 ou 8, não me lembro bem, tive o primeiro contacto com artistas.

Quando Greta Garbo se prepara para entrar em scena...

Eu lhes conto. A historia do principio da vida dessa mulher de gelo e fogo. Que se chama Greta Garbo...

O mundo todo pronuncia seu nome. Póde ser o confim de um sertão. Se houver um Cinema... Greta Garbo lá estará e todos, depois, saberão, para sempre, quem ella é... Agora está ella nos 25 annos. Ha seis annos, em Stockholmo, ninguem a conhecia. Porque é que dizem que já se foi a época dos milagres?...

Eu a entrevistei quando ella visitou a Suecia, sua terra. Na metade do inverno passado.

— A historia de minha vida?

Disse-me, quando eu me sentei defronte a ella. E sorriu, sempre enigmatica, já demonstrando o quanto eu a teria que ouvir para poder realizar o que pretendia...

—Creia, sou exactamente aquillo que as outras são. Fui á escola. Aprendi. Cresci... A differença está apenas nisto. Umas residem em mansões. Outras em cabanas. Mas que differença faz isto quando a finalidade de todas é a mesma?... De que importa, á curiosidade alheia, a profissão de meus paes, os seus meios? Não comprehendi, nunca, a curiosidade publica nestas cousas...

— Gradualmente encontramos, na vida, os nossos lugares. Procuramos, então, preencher a nossa missão. O nosso trabalho, na carreira que abraçamos, é aquillo que realmente devia interessar ao publico. Aquillo que fazemos tem a sua linguagem propria. A minha, são os meus films.

As suas palavras, todas, são heroicas e corajosas. Seriam as provas da preciosidade do seu espirito se já tantas não existissem que isto comprovam de sobra.

Apanhar detalhes da historia dramatica dos seus dias passados, sem duvida, é missão difficil. Principalmente porque Greta Garbo é humilde. Modesta. Sempre deixando uma reticencia ao fim de uma phrase que a gente não comprehendeu bem... Ella sempre procura cobrir com o silencio a sua vida. Não lhe agradam os commentarios acerca de si propria.

O ataque directo ao seu silencio ás vezes obstinado, é technica errada. E' preciso empregar-se o subterfugio. Manhas proprias a reporters experimentados. Porque só assim é que se conseguirá trazer á turba. Mamãe talvez me diga agora: "Vae, aproveita, diverte-te!" Mas eu não quero me divertir. Quero passar estes dias ao lado de minhas recordações. Revivendo-as. Trazendo-as á luz do presente.. Além de patinar e de praticar outros sports de inverno, tenho um, particularmente, que é o que mais aprecio. E' o sport da imaginação... Posso, com este, divertir-me o quanto queira. Até ter um reino do qual seja rainha e suprema soberana...

A morte já roubou grande parte das amizades de Greta Garbo. Isto contribuiu, sem duvida, para a sua extrema melancolia.

— Perdi meu pae, aos 14. Foi um golpe terrivel que nunca mais esqueci!

Emquanto se achava em Hollywood, sua irmã morreu. A sua "irmãzinha", como ella a chamava.

— Foi difficil supportar mais este golpe! Minha irmãzinha era tão alegre, tão viva, tão admiravel! Eu sempre a quiz trazer para a minha companhia. Poderia ter tentado o Cinema e eu sei que ella venceria.

Costumava ir, ás sete horas, invariavelmente, á alameda que levava ao theatro e, ali, ficava horas e horas vendo os artistas que passavam para o ensaio. Nunca me interessou, do theatro a porta central, pela qual o publico entrava. Eu tinha adoração quasi louca pela portinha ao lado, por onde passavam os artistas...

— Um dia, furtiva, entrei pela porta pequenina, ao lado... E, lá dentro, sem que me notassem, siquer, espiei os artistas todos. O cheiro dos cosmeticos, do pó de arroz, dos ingredientes de maquillagem, eram o cheiro mais adorado da minha vida! E, aspirando e olhando, ali fiquei eu horas e horas...

Já conhecida pelo porteiro, entrava sempre, depois. Espiava os camarins. Os bastidores. Tudo aquillo significava tanto para mim! Assim, era mesmo innato es-

te amor de Greta Gustafsson pela arte de representar...

Sómente aos doze assistiu, entrando pela porta central, com o publico, um espectaculo. E que impressão forte teve ella quando viu aquella peça... Quando sentiu que tambem podia ter sido um dos artistas que ali representavam...

Visitei a casa onde Greta Louvisa Gustafsson nasceu. Uma casa prosaica, velha e enorme.

Depois perguntei por seus tempos de escola.

— Escola? Não ha muito a contar dos meus tempos de escola...

Greta Garbo

Frequentei escolas publicas. Mas sempre detestei. Sempre detestei a prisão que deram para as creanças. E os methodos duros e inexpressivos de lidarem com meninos e meninas. Mas historia era o que mais apreciava nos meus estudos. Sempre detestei geographia. Os mappas sempre foram, para mim, enigmas insoluveis... Sempre detestei horarios! Como é horrivel viver pelos ponteiros de um relogio! E como me sentia feliz quando a aula terminava e eu, finalmente, podia correr para minha casa.

Greta Garbo não se lembra de quando viu o primeiro film.

— Fui, como as outras crianças iam. Perto de minha casa existia um Cinema. O dono era camarada e sempre me deixava entrar sem pagar. Era um colosso isto! Porque, naturalmente, eu não tinha dinheiro algum.

Ainda frequentando escola primaria, perdeu ella seu pae. Elle tinha 48 annos quando morreu. Ella sentiu tremendamente este golpe. Porque elle era infinitamente bom e o seu maior amigo.

A fortuna da familia, por força, transformou-se com a morte delle. Ficára uma viuva e tres filhos. Os dois mais velhos, felizmente, já se tinham afastado dos bancos escolares. E Greta, mesmo, em breve estaria livre, tambem. Combinaram trabalhar, todos, para o sustento da familia.

Agora que a fama lhe sorri e que ella é um nome mundial, ha muita gente em Stockholmo que gosta de se lembrar que o seu primeiro emprego foi numa barbearia...

Depois de suas horas escolares, passava ella pela barbearia e, passando sabão nos rostos ainda não barbeados, ganhava ella, auxiliando o barbeiro que era seu amigo e camarada, uma krona... Greta não se envergonhava deste episodio da sua vida. Lutar, humildemente, pelo accesso á fama, não lhe parece desairoso e nem mau.

— Era muito crescida pela minha idade. Cresci, depois dos 12, terrivelmente. E notava, em todos, risos de escarneo pela minha feiura e pelo meu comprimento...

Depois ella pediu emprego na loja de Paul U. Bergström. Um caixeiro, rapidamente, annotou seu nome. E ella regressou para casa. Dias depois, quando o carteiro lhe trouxe uma carta que lhe pedia que fosse á mesma loja para preencher uma vaga na secção de casacos para senhoras, sentiu que tinha o coração aos pulos!

Em poucos dias transferiram-na para a secção de chapéos. Um dia o gerente perguntou á encarregada da secção quaes seriam os modelos mais apropriados para a primavera que entrava.

Mostre-me alguns que quero mandar illustrar o catalogo.

Occuparam uma cabeça para usar os chapéos. Era a de Greta Gustafsson.

Assim, o catalogo de ultimos modelos para a primavera, em 1921, sahiu com a photographia de Greta em diversas poses e usando os ultimos chapéos em moda... Estas poses deram-lhe, depois, a chance de uma prova para o inicio da carreira que é o seu orgulho e que é, tambem o orgulho de todos os "fans" que a amam e que a estimam com devoção e amizade.

Greta Garbo, até attingir a fama, jamais foi chamada "smart", no sentido total da palavra. Isto é, Chic, perfeitamente modelar em modas e maneiras. Parecia por demais parada, sem expressão.

Quando Greta Garbo ainda vivia na Suecia sem pensar em Cinema...

Nada mesmo. Fama ou insuccesso. Jamais abalaram sua calma imperturbavel. Ha norte-americanos que a julgam insensivel ao extremo. Perfeitamente fria.

Mas nada é tão mentira.

Quem poderá distinguir as chamas da emoção debaixo daquella mascara de frieza de gelidez de alma? Esta sua apparente indifferença é que é a melhor de todas armas de que ella dispõe. Os seus movimentos são puramente Cinematographicos. Gasta o minimo de gesticulação para o maximo de expressão facial.

A sua maneira de representar, é uma maneira apparentemente indolente, desleixada. Posto que, de facto, durante annos fosse ella victima de tremenda anemia que quazi a arrasta á morte.

Não sendo robusta, physicamente, descança, durante o dia, invariavelmente.

Hollywood chamou-a temperamental. Ella aprecia o canto mais silencioso dos Studios. Hollywood a chamou de convencida. Agóra, os seus campanheiros de trabalho a conhecem melhor... Porque comprenhendem, felizmente, que ella tem uma enorme necessidade de descanço physico e mental.

Isto contraria, extraordinariamente, o facto de ter sido ella, quando empregada da loja de chapéus, viva e sem parar...

Ella não é linguaruda e nem falladeira. Aprende tudo com a facilidade maior. As lojas não devem ter, mesmo, pequenas que fallem muito. O publico gosta de apreciar e escolher em silencio. Greta éra assim. Sempre mereceu os commentarios mais favoraveis dos seus

(*Termina no fim do numero*).

Azas do Coração

(FLIGHT)

— FILM DA COLUMBIA —

JACK HOLT . . . . . "Panama" *Williams*
LILA LEE . . . . *Elinor*
RALPH GRAVES . . . . . "Lefty" *Phelps*
Alan Roscoe . . . . **Major**
Harold Goodwin . . . . . . *Steve Roberts*
Jimmy De La Cruze . . . . *Lobo*
Director: — FRANK CAPRA

"Lefty" Phelps é o typo do sujeito que gosta de contrariar! O ultimo jogo em que figurára, na Harvard, só para contrariar, disparou com a bola contra o seu proprio goal e deu a victoria á Yale...

Agora as cousas mudarão, com certeza. Porque elle se acha, sob a direcção do endiabrado aviador "Panama" Williams, na escola de aviação Naval.

— Escute, seu Phelps!

Elle parou.

— O amigo não é, por acaso, o jogador de rugby que entrou com bola e tudo pelo proprio goal a dentro, no recente jogo Harvard — Yale?

Aquillo, positivamente, era o diabo! Até o seu instructor já sabia disso!... Com effeito!

— Mas...

— Bem, não se explique! São cousas que acontecem, eu bem sei. E, quer saber de uma cousa?

Phelps quiz e foram á um "drink".

Ao cabo de semanas, Phelps e Williams já andavam aos abraços e aos empurrões. Perfeitos camaradas. E, assim Phelps, que então se iniciava na carreira, sentia-se mais á vontade.

— Hello, Elinor!

Era a pequena enfermeira daquella base de aviação.

Phelps nem quiz saber de mais nada. Tratou incontinenti de a namorar. Um dia, quando voltava dos seus exercicios, viu-a conversando com Williams e, ao lado, alguem que dizia que ella ha muito

que o amava sinceramente.

Bastou. Dahi para diante, por um dever de gratidão, amisade, respeito. Phelps começou a tratar Elinor com o mais absoluto despreso.

— Phelps, como vae?

Elle apenas respondia com um acceno de cabeça e afastava-se. E aquella attitude, positivamente, intrigava e apertava o coração de Elinor.

— Mas que lhe fiz eu?

E por mais que perguntasse, não atinava com a resposta.

Chegara, afinal, o dia da sua primeira experiencia séria. Todos ali achavam-se presentes para verem os recrutas voarem. Phelps, satisfeito, recebe as ultimas instrucções de Williams. Elinor ali tambem se acha. Quando a ordem é dada, saltam elles aos apparelhos e, justamente no momento em que está para levantar vôo, Phelps ouve a voz do recruta que lhe fica á direita.

— Olha, Phelps! Vê lá se vaes voar para traz...

Aquillo, assim, com tamanha ironia, recordava-lhe o seu fiasco no collegio. E, nervoso, aborrecido, ergue elle o seu vôo.

Ao cabo de alguns instantes, ao approximar o instante de aterrar, Phelps, mais excitado, ainda, nada mais vendo, perde o controle do apparelho e, com estrondo, cáe sobre um muro, destruindo o apparelho todo.

Elle, felizmente, fóra arranhões e ferimentos de quasi nenhuma importancia, nada tinha...

—O—

— Williams, eu me retiro.

— Porque?

— Viste. Sou um fracasso em tudo que me metto!

— Ora, Phelps...

— Não me desculpes. Sabes, vou para o exercicio. E' impossivel que lá, em terra firme, eu não consiga nem ao menos ser soldado raso...

Williams ergue-se. Abraçou o ami-

(Termina no fim do numero.

Como se ama em Hollywood . . .

Que Zeppelin! Eu quero é ver Cinema!

Não é preciso revolver... Richard Arlen já está morto...por ella.

Richard Arlen (longe de Jobyna Ralston...) e Jean Arthur, num "training" de amor...

As transformações do Amor

Vamos apreciar o que o amor tem feito aos rapazes e ás moças de Hollywood.

Não é canção thema, não...

Tem feito pequenas farristas deitarem-se ás 21 horas.

Transformando meninas malcreadas em damas de alta sociedade.

Homens insociaveis em cavalheiros. E tudo mais...

E, mesmo, trajes de jantar em homens que até se gabavam de nunca os ter usado...

Vamos começar por John Barrymore. Vamos consideral-o antes e depois de Dolores Costello. E' cousa que vale a pena.

Houve um tempo em que John, embora não quizessem os seus *fans*, difficilmente poderia ser chamado de "Beau Brummell", a não ser naquelle seu film... Não que me queira tornar sincero para com elle. Mas é exacto. O seu collarinho era sempre largo e parecia sempre ter vindo de defunto maior... E a gravata, então, parecia antes um trapo pendurado ao collarinho infame do que outra cousa... O seu cabello estava constantemente saltando por cima das orelhas, dando-lhe um aspecto mau para a vista. E as suas meias, mais de uma vez, foram vistas cahidas e cobrindo o peito dos sapatos sem graxa e velhos... Houve, mesmo, uma lingua maldosa que chegou a affirmar que elle fizéra um discurso, certa vez, em sapatos de tennis...

Alice White tambem mudou muito...

Joan Crawford hoje é outra.

John Barrymore nem se fala!

Isto, antes de Dolores.

Veio Cupido. A reforma. O amor a transformar tudo... Sob a influencia della, John modificou-se radicalmente. Já usa sapatos razos de verniz, para os jantares. As meias estão sempre presas ás ligas mais modernas. Collarinhos adequados passaram a adornar o seu pescoço classico. Gravatas authenticas a enfeitar o classico collarinho. E, finalmente, quando apparece em publico, todos têm mesmo que dizer — "De facto! Elle é mesmo o "Beau Brumell!"...

Uma das transformações mais admiraveis operadas pelo amor, foi a de Joan Crawford. Que, de menina endiabrada, passou a extremosa esposa do romantico Douglas filho.

A mesma pequena que costumava divertir-se até amanhecer. Que voltava com leiteiros. Hoje, santinha e direitinha, deita-se ás 22 horas... Costumavam chamal-a a "pequena borboleta". Agora, as unicas borboletas que conhece, são aquellas dos bordados que faz, na paz do seu lar... Ella, a mesma pequena leviana que gastava o ultimo centavo dos seus vencimentos, hoje, séria e grave, já está pensando em sahir da casa em que estão, em Brentwood, porque acha que ella é muito cara... A sua bocca. A mesma boquinha rubra e maliciosa que só falava em "homens", como se falasse em cães, maldosa e ironica. Hoje, coitadinha, tem os labios tremulos e a voz engasgada quando fala no "seu" querido Douglas... E lar, creanças aventaes, panellas, são os seus vocabulos predilectos...

A transformação de Alice White, neste sentido, tambem é radical. Imaginem que ella chegou á perfeição de falar bem de Clara Bow... O cumulo da regeneração, não acham?... Houve época, a este respeito, em que Clara Bow dizia que Alice White era "aquella" garota de pouco brio e vergonha... E o que Alicinha della dizia, é melhor que ninguem pense na possibilidade de eu aqui transcrever... A contenda desenvolvia-se de maneira a averiguar quem conseguia mostrar o cabello mais selvagem. Os maiores escandalos, na vida intima. A menor quantidade de vestidos, sobre o corpo. E mais cousas engraçadas... Bastava que uma soubesse que a outra fazia, para que quizesse fazer peor...

Para os que assistiam, sem duvida, era mais agradavel e engraçado do que o antigo feudo entre Gloria Swansen e Pola Negri, lembram-se?

O tempo mudou tudo. Hoje, ao lado de Sidney Bartlett, Alicinha já diz cousas assim, querem ver.

— Gosto de Clara Bow. Não perco um só dos seus films! Acho que é tão ridiculo tudo quanto o tolo publico inventa desta menina adoravel. Sempre se disse que nós não nos queriamos. Eu duvido que Clara me tivesse chamado do que disseram os maus amigos que ambas tinhamos! E garanto que eu nunca disse nada...

Isto não é o cumulo da regeneração?...

Nils Asther! Como elle se apresenta distincto e admiravelmente trajado quando acompanha Vivian Duncan e irmã á qualquer divertimento ou jantar. Que differença! No emtanto, quem conhece bem as cousas, ha de se lembrar que elle era um rapaz que sempre preferiu ficar em casa, com os seus chinellos absolutamente sem esthetica. E que dava ordens ao seu criado japonez que sempre dissesse e que Mr. Asther sahira...

(*Termina no fim do numero*)

NANCY CARROL
PARAMOUNT
Cinearte

MARY BRIAN
(PARAMOUNT)

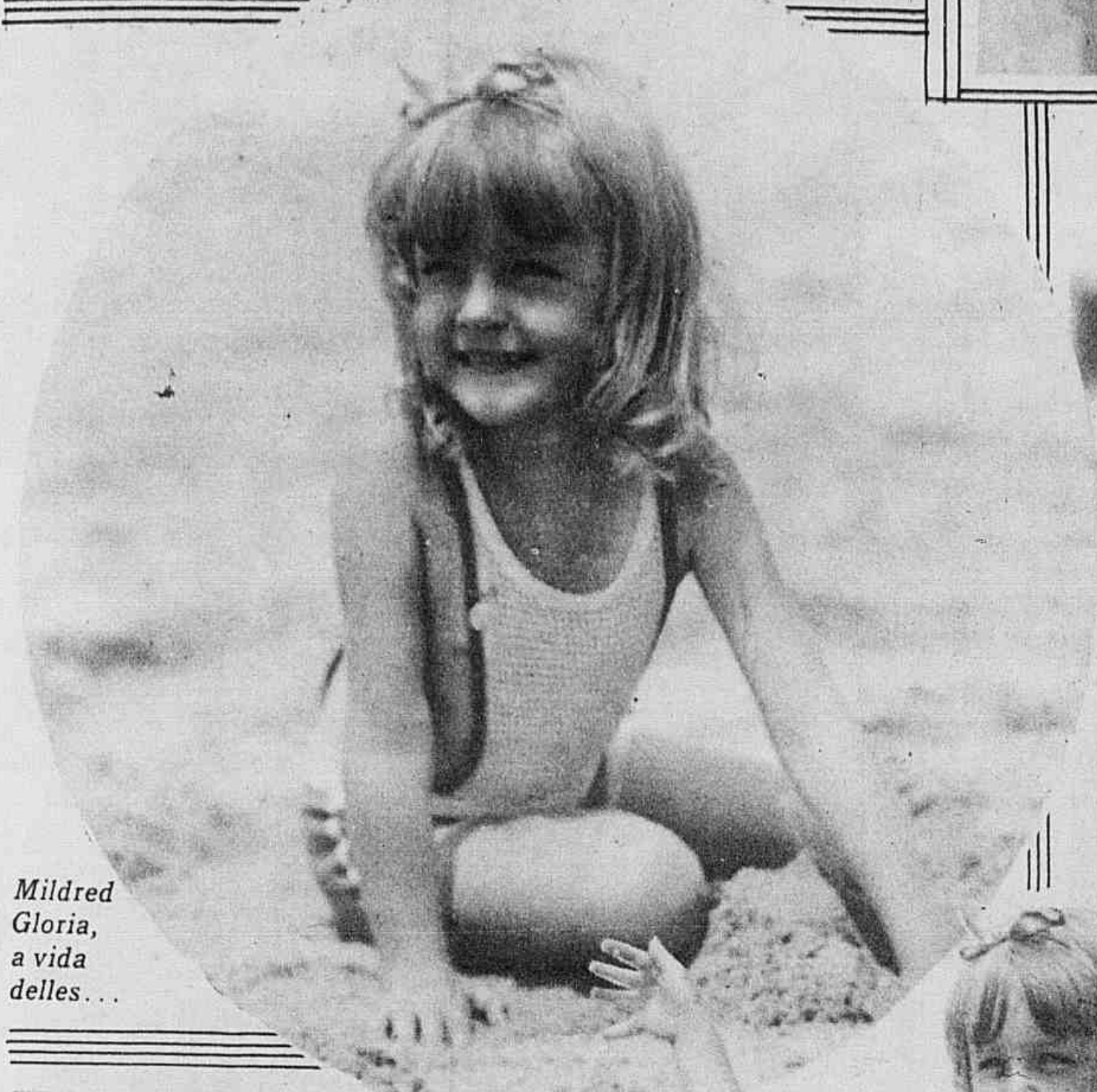
Cinearte

RICHARD DIX
Cinearte

PATSY RUTH MILLER...

HAROLD LHOYD

(Photo. G. KORNMAN)

cinearte

Mildred Gloria, a vida delles...

Mildred. Em baixo, papae Harold Lloyd...

A familia do Lloyd americano.

Mildred Davies Lloyd e mamãe.

cobiça de todos. Embora mexicana, o eterno erro a mostra, com certeza, com castanholas e mantilhas...

Mas as castanholas e mantilhas, por certo, nunca assentaram com tamanha graça e com tamanha propriedade em hespanhola alguma...

Mas quem era o dono disso tudo?

Um gringo mysterioso.

Havia alguem com ciumes?

Ora, é: logico... Se ninguem houvesse, não bastariam o sol, o céo e as estrellas e a lua para se enciumarem?...

Rio

Mas era o General Ravenoff que tinha ciumes... Coitado delle.

E o ciume se mistura á intriga. O General é velhusco. Jim é moço. E, além disso, bonitão e vistoso. E o velho tem medo que o moço lhe roube, para sempre, ao menos os olhos de sua Rita querida...

A intriga traz cousas que Rita não crê.

— Sabes, Rita...

E falava. Inventava uma porção de cousas. E ella não dava credito.

General, não me apoquente..

Continuavam as cousas assim. Um dia, quando Ri-

Nos films, as aldeias mexicanas, sempre são infestadas de bandidos e, pelas esquinas, invariavelmente, um cartaz annuncia que se paga tanto pela prisão do celebro fascinora "fulano de tal".

Este film, apresenta uma pequena aldeia mexicana, com um cartaz que avisa que se paga 10,000 dollares pela prisão de um bandido que se dá a conhecer pelo pseudonymo de Kinkajou.

Não foi excepção, portanto.

Agora, aos 10,000 dollares!

A ultima proeza fôra o assalto á um importante Banco de Texas. Mas contavam-se muitas outras. Negras, umas, cheias de assassinatos e mortes. Interessantes, outras, com o tal Kinkajou apparecendo como heroe de lenda, montando um cavallo sem cabeça...

Nesta aldeia, maior thesouro não havia, com certeza! Rita Fergurson. Que pequena linda! Cheia de *it!* Labios sensuaes. Sorriso malicioso. Olhos profundamente perigosos. Rita.., Que colosso que você é!...

Esse coração. Esse corpo. Eram a

ta tinha mais amor dentro de seu corae, sozinha, cantava toda a sua paixão por Jim, procura-a o General.

— Preciso falar-lhe. E falou. Mas ahi affirmou. Disse que tinha provas.

— Seu irmão, Rita, é o celebre Kinkajou. E Jim, tambem descobri, agora, é o

RITA

RIO RITA — (Film da R. K. O.

BEBE DANIELS	Rita
John Boles	Jim
Don Alvarado	Roberto
Dorothy Lee	Dolly
Bert Wheler	Chick
Robert Woolsley	Lovett
Nick de Ruiz	Paddone
Sam Nelson	Mc Ginn
Eva Rosita	Carmen

Director: — LUTHER REED

chefe de um grupo de rancheiros do Texas que aqui está para o prender.

Havia, momentos depois, na Villa do General, em homenagem a Rita, uma gran de festa.

Durante ella, Rita sentia-se mais agoniada do que nunca. Jim procurou-a.

— Rita... Devo dizer-lhe que...

— Já sei!

— Mas, Rita... Eu...

Queria declarar-lhe todo o seu amor. Ella pensava que elle queria tambem contar que Roberto era o tal bandido que todos procuravam...

Tudo corria com extraordinaria animação. A festa mostrava aspectos ineditos áquelle publico todo. Rita, cada vez mais triste, não podia crer. Mas era obrigada a crer... Depois, num momento, ella viu que se tramava contra Jim. Rapida, chegou-se á elle. Preveniu-o. Justamente no instante que o procurava o punhal trahiçoeiro.

Jim não teve tempo de lhe agradecer. Ella já se afastava.

A' noite, depois, quando o silencio já tudo sonhára, longe, um do outro, Rita e Jim cantavam. A mesma canção de amor. Lenta, quente e bonita como a belleza daquelle amor que os animava e acalentava...

O General Ravenoff, sempre procurando impressionar Rita com o poder da sua fortuna e do seu bom gosto, seguiu, com o seu palacio ambulante, até ancoral-o á margem

(Termina no fim do numero)

As superstições de Hollywood

GLENN TRYON

Os artistas, aquelles que devem trazer o publico em constante sonho, são justamente aquelles que mais se deixam engolfar pela superstição a mais tola...

Universal City, bem perto dos Studios, tem uma arvore, já bem antiga, que está crivada de alfinetes, agulhas e diversos outros objectos espetantes.

Sabem o que é?

Superstição...

Imaginem! Afinal, que sorte poderá ter um artista que espeta um alfinete numa arvore?...

Pois lá está ella! Mais cotucada do que um freguez que assiste um film de Buster Keaton...

Mas sabem do que se trata?

Pois bem! Lembram-se, quando eram creanças, que espetavam um alfinete no tronco de uma arvore e faziam um pedido? Havia a crença, então, que se não apparecesse um demonio, feio e mal cheiroso, que arrancasse o alfinete, o seu desejo seria na certa realizado...

Essa arvore, ali foi a que Valentino escolheu, em 1919, para espetar o seu alfinete e, sem duvida, pedir que se transformasse elle no "maior amante da téla". Agora, 11 annos passados, a arvore ainda lá está e ainda tem o alfinete de Valentino. Mas só ha uma differença. E' que todos os dias ha uma ou outra e um ou outro extras que, medrosos, espetam os seus alfinetes. E muita estrella e astro, tambem... Mas sobem em escadas, porque são tantos os alfinetes que ali existem que não é: mais permittido alcançar-se o lugar livre sem escada...

Mas vocês acham que se Dick Sutherland ali espetar um alfinete e pedir alguma cousa, essa cousa sáe certa e como elle quizer?...

As superstições de theatro, são notorias e já bem antigas. Mas o Cinema, relativamente, existe a bem menos tempo e já, apesar disso, tem um bom numero de curiosidades neste ramo... Mas agora, que se unem as forças do Cinema e as do theatro, no Cinema falado, em que se transformará, em breve, esta Hollywood?

O Dr. Paul Fejos, por exemplo, um dos intellectuaes do meio de Cinema, não é tambem todo cheio de superstições, incompativeis, todas, com a sua cultura? Aqui está o exemplo. Ha dias, um padre visitou o "set" aonde elle filmava "La Marseilleise". Pois bem. Elle não teve mais socego. Passou a ter certeza de que alguma cousa aconteceria que arruinaria todo o seu bom trabalho. E que talvez nem valesse mais a pena continuar...

Mas esta superstição a respeito de padres, é, sem duvida, das mais interessantes, porque é assim. Se o padre é convidado a comparecer á um "set", não dá azar. Mas se apparecer de sopetão, sem aviso, ahi dá um azar tremendo...

COLLEEN MOORE

Mas, em algumas cousas, os artistas de Cinema seguem os preceitos das superstições theatraes. Nunca assobiam no camarim. Porque dizem que isso dá um azar medonho. Nunca consentem que se ponha um chapéu sobre a cama. Que tambem não dá bôa sorte. E, por fim, jamais collocar os sapatos em estante ou suporte que os mantenham acima dos joelhos da pessoa...

Jamais um artista deve iniciar o seu trabalho ou uma das locações do film ás sextas-feiras. E' preceito, entre os supersticiosos. Laura La Plante e William Haines, se me não engano, já se recusaram terminantemente a fazer cousa semelhante. Hal Skelly, que, antes de fazer films era de theatro, conta que o que dá peso, á um espectaculo, é: abrir um guarda-chuva dentro da sala de espectaculo. E, tambem que arranjar uma mala de viagem que tenha o formato de um camello, é de muito azar. Contou-nos mais, elle, que costuma sempre ir á missa, aos domingos. E que se não o faz, pode contar que alguma cousa lhe succede...

Ha, no emtanto, um numero bem consideravel de superstições pessoaes. Colleen Moore, por exemplo, tem, no seu camarim, um par de velhos chinellos, nos quaes costuma mergulhar seus pés, cansados, magoados, de dansar ou de ficar de pé, sobre os saltos francezes. São chinellinhos já bem feios e velhos. Sua mãe, seu marido e sua empregada, em vão já tentaram demovel-a dessa superstição de que aquillo é que lhe dá sorte. Colleen não os attende. Já lhe deram innumeros pares de chinellos completamente novos e até: mais confortaveis. E ella continua firme e não deixa de usar os seus chinellinhos rusticos e até furados...

O segredo disso, é facilmente explicavel. Foi com elles que ella figurou no seu primeiro grande successo, *Flaming Youth* E, dahi para diante, considera-o como o factor dos seus demais successos. Ella tambem jamais diz que o que fez estava bom ou excellente. Diz sempre que estava acceitavel ou soffrivel. Isto, porque acha que se affirmar que estava bom, jamais terá a opportunidade de novamente brilhar em outro...

James Cruze, quando está dirigindo um film, faz questão cerrada de dirigir uma scena, ás nove da manhã em ponto, custe o que custar. Nada pode impedir que elle realise isso que, para elle, é quasi uma cerimonia. Filmará a scena, ainda que as luzes não estejam direitas e ainda que os artistas não tenham o devido ensaio. Se elle não consegue, não filma o resto do dia todo...

Alan Crosland, então, jamais começa um film pelas scenas finaes ou termina-o pelas scenas iniciaes. Acha que isso dá um tremendo azar ao trabalho...

Glenn Tryon vive na crença de que nunca deve empregar *doubles* nos seus trabalhos. Porque, se o fizer, será, dahi para diante, perseguido por uma grande dose de falta de sorte...

Assistir ás *primeiras*

(Termina no fim do numero).

LAURA LA PLANTE

As aventuras das entrevistas...

Quando fiz as minhas entrevistas, — fala Jim Tully, celebre jornalista de Hollywood — nunca observei directamente a pessôa. Porque, se isso se désse, fatalmente ella perderia a naturalidade. Mesmo uma boneca não é expontanea quando se a observa com attenção fixa...

O publico americano é crente, desde o berço, que um homem que não olha o outro nos olhos é deshonesto, falso. Um ser normal, sem duvida, eu ainda não tive a illusão de ser honesto. Mas aprendi, desde muito cedo, que, fixar as pessoas demasiadamente é embaraçal-as e confundil-as...

O minha educação é de sala de bar. Aprendi, em partes, as maneiras de viver e as tragedias da vida como frequentador de salões duvidosos...

Os homens que não gostam de Volstead lembram-se, por força, de que, bem defronte ao balcão do bar ha um espelho grande e comprido... Os homens costumavam olhar o espelho e depois falar. Descobri, logo, que não era necessario olhal-os fixamente. Eu espiaria as suas physionomias no espelho. E, quantas e quantas vezes eu não fui colher, lá, observações tremendas para aquelles com os quaes conversava... Foi tambem ahi que comprehendi a sêde que o publico tem de dramas. Pela vida, depois, continuei nunca olhando os homens fixamente, olhos nos olhos. Muito já se disse e muito já se escreveu sobre a arte de conversar. Mas para aquelle que é pratico e observador de escól, como entrevistador de pessôas de nome, ha sempre muito pouca arte em qualquer conversa...

O advogado, geralmente, tem a sua maneira de falar. O medico, outra. E, assim, todos e de todas as camadas sociaes. Deve ser lembrado que o reporter é sempre quem dá os pretextos para as phrases. Uma entoação differente. Um movimento de sobrancelhas. Um maneirismo qualquer trahirá o que fala. O entrevistado deve sempre estar em guarda. E todo homem em guarda está sob forte impressão nervosa.

A minha primeira entrevista de importancia foi com Elinor Glyn. Eu devia, diariamente, entregar uma entrevista importante. Não vale a pena mencionar o quanto ganhava para isso.

Madame Glyn era a rainha do Studio. Tudo girava em torno della, como a terra ao redor do sol... Uma das mais familiares figuras do "lot", ella já diversas vezes passára por mim, como se fosse a Rainha de Sabá atrasada uma hora no seu encontro com Salomão...

Inscreveram-me para escrever uma entrevista com Madame Glyn.

Gentilmente ella accedeu em receber-me. Demasiadamente occupada, ella, uma mulher de genio, (não façam trocadilhos, por favôr!) consetira em 15 minutos de conversa.

Imaginei, logo, 10 perguntas e, resoluto, abordei-a.

Na sua physionomia eu vi, apenas, o mesmo que já vira em centenas de outros rostos de mulheres pela estrada da vida afóra. Um homem experimentado aprende a ler o caracter, embora elle se esconda atraz das phrases decoradas e viva a descoberto no sub-consciente... Eu a cerquei de tudo quanto sabia util para taes occasiões. Fui, simultaneamente, advinho do futuro, bollinha de crystal e bruxo...

Ella não me convidou a sentar.

Seus olhos me fascinavam.

"Côr de vapores de aguas paradas subitamente expostas ao sol..." Foi a definição horrivel que delles fiz naquella época...

Sempre empreguei, nas minhas entrevistas, uma attitude simples. Um pedinte, ás portas da sabedoria, não estaria mais humilde do que eu diante da grande dama...

Olhando-a raramente, emquanto ella se divertia com minhas perguntas, eu permaneci menos de 10 minutos em sua companhia.

Ella me despachou na sua maneira autoritaria e aristocratica. Fiz-lhe tão pequena impressão que, após a publicação da entrevista, a qual, aliás, irritou-a particularmente, nunca mais ella se lembrou de mim...

Cecil B. De Mille, um dos entrevistados. Aqui está elle ensinando uma scena de "Dynamite" a Kay Johnson e Charles Bickford.

Walter Huston, o Lincoln do ultimo film de Griffith, outro entrevistado.

Não me permittiram a publicação do artigo emquanto estivesse trabalhando para o Studio. Depois que sahi, o manuscripto esteve a procura de magazines que o publicassem. Mas nenhum o queria. Por ultimo foi adquirido por um magazine Cinematographico. Dois annos depois, ainda nada se ouvira a respeito delle. George Jean Nathan escrevia, então, para o mesmo magazine. Interessou-se pelo artigo. "Vanity Fair" já o havia regeitado. Mais tarde vendi-lhes uma historieta. Nathan contou então ao editor alguma cousa sobre a entrevista com Elinor Glyn. E "Vanity Fair" comprou-a do magazine Cinematographico, por cinco vezes o preço que me haviam pago...

Na minha longa experiencia como reporter á cata de entrevistas, encontrei apenas um homem que me desafiou. Annos mais velho do que eu, elle já foi, pela vida, casaca de ferro, em circos de cavallinho, explorador no Alaska, empregado de um "show" vulgar, e, ainda, em diversos outros afazeres humilhantes uns, nobilitantes outros. Chama-se James Cruze.

Entrevistei-o, pela primeira vez ha uns annos passados. Elle usou de tamanha franqueza que não tive coragem de levar ao editor as suas respostas, com medo que elle tivesse uma apoplexia fulminaste... E nem agora empregal-as aqui...

Cruze apprendeu, não sei aonde, talvez na minha escola, mesmo... Que não existe labyrintho no valle da verdade... Elle me chicoteou com sua honestidade recta. Analysando-o, escrevi já cinco entrevistas com elle. Em todas ellas elle foi essencialmente critico.

Depois de Cruze, como homem honesto e recto, classifico Erich Von Stroheim. Já o critiquei severamente. Mas tenho prazer em estar ao seu lado. Um lutador emerito, espectaculoso em toda a sua vida, elle é lutador, irrascivel, violento e meigo. Elogios que suffocariam um homem fraco, não abalam a sua natural modestia. Sadico, como artista, elle, no emtanto, é extremamente religioso. O seu santo predilecto é aquelle que faz com que se achem as cousas perdidas. Não me lembro mais do seu nome...

Seu maior amigo é um sacerdote catholico. Outra amizade sua é ZaSu Pitts, da mesma religião. São os dois que com maior paciencia olham pelos desgostos e pelas alegrias do admiravel austriaco de cabeça raspada. Seu coração, no emtanto, tem bastante espaço tomado por elles...

Von Stroheim é capaz de ganhar 200 mil dollares num anno. Louco ou grande artista, como queiram, elle não se conforma com os pontos de vista pessoaes que querem arrasar suas obras. E, assim, sempre está endividado. A ultima vez que o entrevistei, devia elle os moveis da sua casa. Sua esposa e muitos amigos procuravam, incessantemente, guial-o para os bons caminhos da virtude financeira... Ultimamente appareceu elle em "The Greta Garbo". Seu salario, por 8 semanas, foi 40 mil dollares. James Cruze foi seu director. Dois homens tão cheios de personalidade e tão differentes, ao mesmo tempo, nunca trabalharam assim juntos. O film, no emtanto, foi um erro de James Cruze e pouco augmentcu a reputação de artista de Von Stroheim. Homens que, apesar de tudo, continuam amigos.

Já tendo sido vendedor de papeis de agarrar moscas, salva vidas de praias perigosas, Von Stroheim, principalmente, é de uma intensidade de imaginação que toca a loucura. Emquanto filmava "Ouro e Maldição", Von Stroheim demonstrou este seu entranhado amor ao realismo bruto. Alguem, já que filmava ao lado de um estabulo, mandou que se tirasse dali determinadas cousas que occasionavam um tremendo mau cheiro. Elle, que se afastára, voltou. Sentiu falta do mau cheiro. Passou tremenda raspança no "ousado" que ordenára aquillo e, em seguida, mandou que se repuzesse, ali, novamente, a circumstancia odorosa que o faria trabalhar com mais convicção...

E', no emtanto, de uma gentileza que derrota o reporter. Um soberbo artista, representa elle, eternamente, o seu papel de menino soffredor... Elle não se importa de ser queimado com o fogo que elle proprio soprou. Porque é, antes de tudo, profundamente obsecado pelo real, pelo humano.

E' extranho. Mas os artistas de Cinema estrangeiros têm uma vaidade bem menos sensivel do que os yankees. Creio que o que lhes sobra é traquejo nas suas technicas profissionaes...

(*Termina no fim do numero*)

RUTH ROLAND inaugurou um campo de golf em miniatura para a meninada.

O casal mais sympathico de Hollywood

Sabiam que Ben Bard nasceu em Portugal?

RUTH E BEN BARD

ALMAS

FILM DA IMPERIAL

POLA NEGRI . . . . .LOU
HANS REHMANN . . . . .JOHN

Lá estava elle! Massa negra é enorme. Vulto a amedrontar a inexperiencia dos incautos...

Pharol!

Luz que se accende e que se apaga...

Jacto de felicidade atirado á vista daquelle que se teme perder...

Lá dentro. Serão tragedias as que se passam? Serão?...

Ou será, por accaso, mansa e ligeira a existencia dos homens que lá estão?...

John, por exemplo, ali está á bastante tempo. E' o pharoleiro. Aquelle que vive longe do mundo. Sempre só! Sempre mergulhado em reflexões que amargam uma experiencia muito grande...

E elle, ás vezes, para se distrahir, quando o rendiam, no posto lá de cima, descia. Vinha a villa. Sentir um pouco do cheiro do mundo. Ver as miserias. Comprehender o quão socegada e admiravel é a vida do pharoleiro, que todos lastimam e que todos taxam de infeliz...

E entrou para a taverna.

E viu tudo aquillo.

Bebados. Mulheres. Mulheres? Sim, ao menos na apparencia... Ladrões. Assassinos. Toda uma caterva peçonhenta e vil. Restos de corações. Pedaços de almas. Chafurdando na lama mais abjecta da devassidão e miseria...

E lá tambem estava Louise. Lou, como a chamavam os "amigos"...

Ella não era bôa e nem era uma *pobre*. Ali estava. Talvez o ultimo degrão da sua quéda. Talvez o penultimo... O seu sorriso tinha a canalhice commum á sua especie. Podia ser que tivesse alma. Mas devia estar muito longe. Ser muito pequenina. Ficar muito escondida. Porque, nella, só se viam os traços fundos que os vicios lhe atiraram. Aos olhos. A' bocca. Ao todo do seu aspecto que punha luxuria no olhar dos que por ali passavam...

Ha mulheres que se accostumam a tudo. Lou, por exemplo, accostumara-se com Maxime...

Elle? Ora... De que vale falar?

Aqui está um dos seus dialogos com a pobre Lou. E é sempre assim...

— Arranja-me dinheiro!

— Não o tenho!

— Arranja-o!

— Já disse...

E eram nodoas roxas nos seus braços. E vergões roxos no seu rosto.

Se não cahissem moedas dentro dos bolsos delle...

Quando John entrou, ella viu a presa facil.

Naturalmente alma embrutecida. Dinheiro facil. Em quantidade. Porque...

Fez planos.

Mas as cousas não correram assim, não...

Maxime alterou tudo. Bebado, enraivecido, approximou-se de Lou. E, antes que ella lhe explicasse o seu plano, arrumou-lhe violenta bofetada.

— Dá-me dinheiro!

E na sua sêde colerica, esmurrou-a.

Ninguem se ergueu para a defender. Uns bebiam. Outros, ao redor, dansavam. Conversava-se, calmamente. Lou, doida de dor, tentava escapulir. Mas Maxime a agarrava, brutissimo e ameaçava feril-a seriamente...

— Largue-a!

Era John. A scena foi rapida. O seu pulso de aço tombou sobre o canalha. E este, sob o véo do alcool, deixou-se permanecer, vencido e impotente.

Até ao cáes ella o seguiu.

Não trocaram palavra. Ao cabo da caminhada, elle parou e, agarrando-a pelos hombros, disse-lhe, secco e rude.

— Volte!

Ella fez menção de lhe beijar a mão. Não era supposta a sua commoção. Aquelle gesto expontaneo. Justamente do homem que pretendia explorar... Feriu-a.

— Escute...

— Não digas nada. E' melhor. Levas uma vida tão canalha, tão vil...

E partiu. Deixou-lhe offensa na ultima palavra. E embarcou. E o barco se perdeu nas sombras, apenas illuminadas pelo jacto periodico do pharol...

Dentro do barco, já longe, elle vê o vulto della que se afasta. Pesadamente. Cheio de alcool e vicio. E recorda-se de tudo...

Fazia-se brusco o tempo. Furioso, o mar se erguia em grosssas e pesadas ondas.

Espirito altamente religioso. Supersticioso. Marinheiro... John acovarda-se. Elle sente o que seria a sua pequenina canôa esboroando-se ao encontro daquellas pedras brutas e negras do rochedo do pharol... E teme. E pensa. O seu pensamento é Lou. O seu pensamento é o seu riso canalha. E' um homem que lhe pede dinheiro. E' uma luta rapida. E uma gratidão dentro de um olhar parado, humido e humilde...

Lembra-se. Poderia salval-a. Poderia regeneral-a. Poderia fazel-a decente...

E por que não?

Mais teme. Mais luta. Sente que será vencido pela furia. E, medroso, ajoelha-se e, apenas diante da natureza que ruge, jura á Deus.

— Salva-me! Salva-me! Que eu a salvarei, depois!...

Uma vida pela outra. A della. Ainda em peor temporal do que aquelle. A del-

le. Jogado nas ondas. Ao prazer de ondas as mais brutas e grandes...

Na manhã seguinte. Despertando. Lembra-se John do succedido. Da maneira quasi prodigiosa porque chegou ao pharol. De tudo quanto promettera...

Procura Lou. Ali mesmo. Encontra-a, com um pensamento na vespera... E, ante ao seu espanto que se faz estupor. Elle lhe diz: — Segue-me! Iremos daqui e nos casaremos. Vem!

Estava para sahir. Ouviu um grito hysterico seguido de um riso convulso.

— Vem!

Olhou-a. Ella chorava. E ria. Queria gritar. Ria... — Eu...

Nada mais disse. Alguma cousa a imprimiu ao encontro daquelle homem. Elle a tomou nos braços. Não houve beijo. Houve um olhar...

E ali, na aldeia proxima ao pharol, começaram a viver a vida nova.

Para Lou, finalmente, aquillo era sonho. Para John, um eterno olhar curioso e desconfiado a perscrutar a alma daquella mulher...

Temia o vicio. Conhecia-lhe a potencia dos tentaculos. Temia que ella sossobrasse. Não cria naquella regeneração assim brusca...

Mas Lou vivia. Outra. Calma. Sem lembranças do passado... — Lou...

Ella comprehendia a pergunta que não sahia nunca dos seus labios e morria naquella reticencia.

— John...

E elle tambem surprehendia a sua humildade. A sua gratidão. No calôr dos beijos que ella largava na sua mão grossa e rude... A vida? Ora, a vida...

Resumia-se numa grande felicidade.

Aos pés daquelle oceano grande e terrivel. Vendo-o esmagar-se ao encontro dos rochedos. Sentia que John fôra nobre. Generoso e bom. E só nelle pensava...

A's vezes, como em tudo, obscurecia-se o horizonte dos seus pensamentos. E vinha a tempestade. E a tempestade, era a sombra de Maxime. Bruto e bebado.

Sempre a ameaçar a limpeza da sua vida nova...

John estava de serviço. Lou, só. Foram duas pancadas sêccas. E um chamado abafado e rouco.

— Lou...

Ella relutou. Ergueu-se. Gelada da cabeça aos pés. Era a chegada da tempestade que ella sempre previa...

Elle entrou. Cahiu, extenuado sobre uma cadeira. Não podia falar.

Ella, com os olhos, corria a sala toda. Sentia que tinha a felicidade para sempre perdida. Sempre ella esperára com pavor aquelle instante. Ella sabia que elle não a deixaria. Sabia que tudo terminaria ao redor de uma daquellas mezas da taverna canalha e viciada...

— Sabes... Matei! Queria beber. Não tinha dinheiro. Elle tinha... Apunhalei-o!

Ella, extactica, não o sentiu. Ouviu... — Agora, protege-me. Esta noite, aqui ficarei. E...

Ella despertou. Caminhou para elle. Fixou-o bem nos olhos. Depois correu á porta. Abriu-a e atirou-lhe um berro rouco e desesperado.

— Sáe!!!

— Lou...

— Sáe!!!

Houve uma bofetada e um baque. Elle fechou a porta e, terrivel, encaminhou se para ella.

(*Termina no fim do numero*)

Os Menestreis

Um dia, Rainbow Ryan conseguiu ir a New York. E um dia, Rainbow Ryan descobriu o quão difficil é conquista Broadway...

A situação cada vez ficava peor. E já Rainbow se sentia desanimado e não mais sabia o que fazer pelo seu pobre Billy, quando Mary e o seu

(THE RAINBOW MAN)— *Um film da Sono-Art*

Eddie Dowling	*Rainbow Ryan*
Marion Nixon	*Mary Lane*
Franckie Darro	*Billy Ryan*
Sam Hardy	*Doc Hardy*
Lloyd Ingraham	*Coronel Lane*
George Hayes	*Bill*
Rounder's	*Quintet*

Director: — *FRED NEWMEYER*

Eram do mesmo espectaculo de variedades. E amigos até ao extremo!

Bill, acrobata, exhibia-se no trapezio.

Rainbow Ryan, dono de admiravel voz, cantava e enlevava.

Entre ambos, ainda mais apertando aquelle laço de amizade, havia Billy, o filho de Bill. O pequeno ficava ouvindo Rainbow cantar, como se estivesse immerso em extase. E, querendo apprender a cantar, assim tambem, mais e mais se avizinhava do coração carinhoso e bom de Rainbow Ryan.

Havia, no seu numero de trapezio, um vôo. De um, Bill se arremessava o outro, rodopiando sobre o vacuo.

Os tambores começaram a batida enervante. A attenção do publico se fixou.

Nada mais se ouvia. Apenas o guincho do trapezio e o trepidar dos tambores.

E lá se foi elle!

No meio do salto, quando se devia agarrar ao outro, falhou-lhe o movimento e, ante o horror e o grito commum dos presenes, atirou-se violentamente ao sólo, para ter apenas tempo de ter as lagrimas enxutas pela affliccão maluca de seu pobre filhinho...

Depois disso, tudo continuou correndo a forma do costume. Rainbow Ryan cantando, e Billy, agora seu filhinho do coração, espreitando-o, já disposto a seguir a carreira de seu amigo e tanto quanto um verdadeiro pae.

Passaram para a companhia que Doc Hardy mantinha. E, com ella, foram ter á uma cidade do interior e ao hotel do coronel Lane que, franco, já os foi avisando que não gostou nunca de artistas e que, por isso, queria-os muito caladinhos e bem comportados.

O unico barulho que houve ali, afinal, apesar dos artistas ali se acharem, foi o que fez o coração de Rainbow Ryan quando se encontrou com a filha do coronel Lane, a linda e meiga Mary.

E, a unil-os, nos dias que se seguiram, estava Billy, que ella já tambem aprendera a estimar, muito e que, assim, mais a approximava da affeição de Rainbow Ryan.

Um dia que elles pretendiam festejar, era o anniversario de Billy. Tudo se preparou. E Mary, com suas proprias mãos, fez um immenso bolo que seria o seu presente de anniversario. Horas mais tarde, já tudo em sileencio, o coronel Lane e Hardy, que conversavam, ouviram, no andar superior, sons de estrepitosas risadas.

Lane, furioso, subiu as escadas. Hardy seguio-o. Abriu a porta, furioso.

— Tu? Aqui?

Era a propria filha que, satisfeita, ria-se das brincadeiras de Rainbow Ryan com o pequeno Billy.

Todos emmudeceram. Mary entristeceu-se profundamente com a brutalidade de seu pae. E este, violento, arrancou-a do quarto e a levou para fóra.

— Vê, seu Hardy? Era bem por isso que eu não queria esses artistas aqui dentro!

Mary correu para seu quarto. Lane e Doc Hardy ficaram conversando.

— Então despede-os?

Hardy concordou. E, no dia seguinte, Rainbow Ryan e Billy, tristes e acabrunhados, despediam-se da pequena villa que ficava guardando as lagrimas e o sorriso triste de toda a meiguice daquella Mary adorada que Rainbow tanto sentia deixar...

sorriso, entraram, admiraveis, pelo desanimo de ambos a dentro.

— Bôas noticias, Ryan!

Sentou-se. O endereço, tinha, porque Rainbow sempre tivera o cuidado de lhe escrever... E ella, afflicta, começou a falar.

— Sabes por que é que papae tanto embirrava com artistas?

Não sabiam.

— Porque minha irmã, a minha querida Daisy, fôra raptada por uma artista. Mais tarde, doente, ficára na casa de seu pae que muito custára a recebel-a e, cuidando de seu pequenino filho que ficára em companhia do pae, pediu ella ao avô que fixasse um seguro, para que, depois de morta, deixasse alguma cousa para seu pobre filho. E, coitada, falleceu, sem mesmo rever o pobre filhinho e o marido que tanto amava.

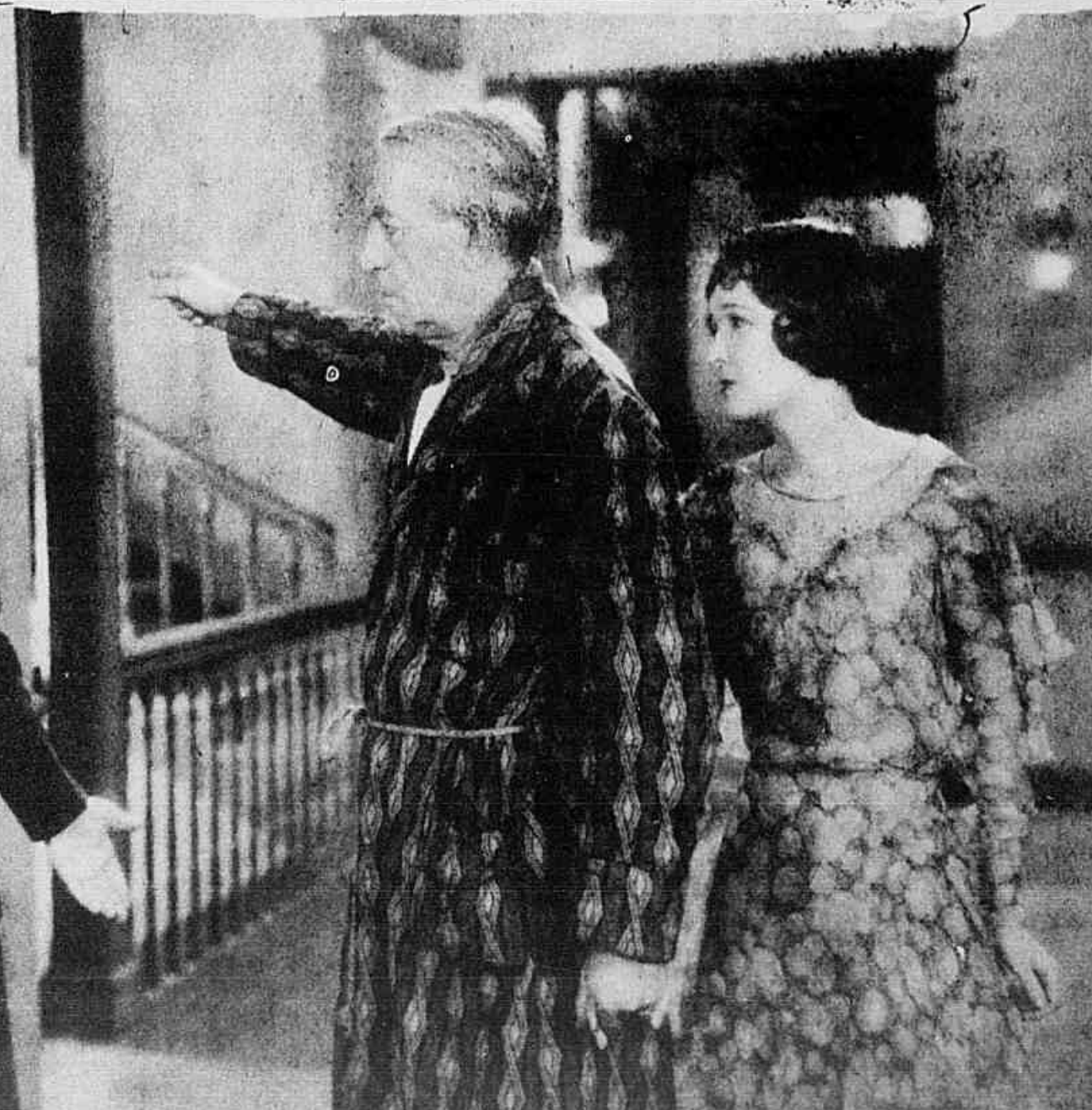
Houve um silencio pesado. Rainbow suspeitava já o que iria succeder. Billy, ouvia attento, na sua innocencia infantil.

— E, Billy, deixa-me abraçar-te, querido! E's tu o meu sobrinho muito amado! Tua mãe, meu bem, era minha irmã, minha pobre Daisy!

E entregou-lhes a importancia do seguro.

Depois, festejando esse encontro, divertiram-se os tres, sendo que Rainbow e Mary, já não mais contendo o que os corações diziam, esperaram

(*Termina no fim do numero*)

Pergunte-me Outra...

PO' DE ARROZ — (São Paulo) — Olá, Pó de Arroz! Eu conheci logo você... Porque não escolheu um pseudonymo melhor?... *Alma Eleita*, por exemplo... E diga á sua colleguinha que deixe de tolice!

ALBERT W. HOISE — (Ilhéos) — O Gonzaga entregou-me sua carta. O seu pedido será opportunamente attendido.

ENRI — (Rio Grande) — Se assim fosse, seriam tão poucos os films que até aqui viriam... De facto, esses films de que fala são calamidades. Mas, que fazer? O publico é que devia por cobro á isso, deixando as casas ás moscas... Mas o film de De Mille, nesse particular, era respeitosissimo e honestissimo. O Judas de De Mille era o Joseph Schuldkraut. A sua estatistica, interessante. Sua observação é exacta. Mas as que tenho, embora poucas, são formidaveis, não acha? Aquelle negocio, foi arte delle. Descobri depois. Consuelo mora aqui, agora. Acho que elle mandará os endereços, sim. E'. Hoje tem e ainda sobra... Mas você ainda verá o que se vae fazer para bem breve... Annotei a sua noticia. E' porque só foi exhibido aqui, ha dias. Passou em primeiras mãos em São Paulo. Aliás, Enri, os titulos raramente não são idiotas... Não é *tapeação* delle, não! E' que elle escreveu e a resposta foi por carta. Porque ella era mesmo o typo que todos agora estão vendo e apreciando... Aliás você já deve saber que a onde deito os olhos, agarro logo uma... estrella!

MARIO MORENO — (Pelotas) — Quando mandei procurar o rapaz, já elle havia regressado. Falar commigo é regularmente difficil... Você sabe que chegou até a ser considerado para galã?... Mas sabe que um juizo perfeito só se faz pessoalmente. Não faça do Cinema a sua exclusiva razão de vir ao Rio. Já existem algumas desillusões de Hollywood, aqui... Mas com uns 250$000 é provavel que se arranje em alguma pensão. Pense bem.

A. MERGULHÃO — (Dobrada) — Morando distante, é sempre mais difficil. Mas mande as suas photographias, sim.

FERNANDO JARBAS — (Rio) — 1° — Mande duas. Perfil e frente. 2° — Será logo apreciada e, depois, chamado quando chegar o momento opportuno. Morando aqui, é bem mais facil. 3° — Escreva-me quando quizer e acompanhe as respostas. 4° — Aos cuidados desta Redacção. Olympio, 5516, Fountain Avenue, Hollywood, California. 5° — E' bôa. Não dá para viver. Mas auxilia. Isto, por emquanto, que é o principio. Gonzaga agradece. Faz uma bôa idéa do seu ideal. E é mesmo assim que se começa para galgar as alturas. Volte quando quizer, Jarbas. Envie as photos quando lhe aprouver, tambem.

JACK BROOK — (Bahia) — Optima a sua carta. Muito obrigado. Volte, Jack, quando quizer.

ROMEU — (Cantagallo) — Já anda em cogitações um film assim. Não se assuste que elle virá. *A's Armas!*, é um film que defende o serviço militar. *O Preço de um Prazer*, tambem terá cousas assim. *Barro Humano* teve trechos patrioticos. Aquillo é exacto. Deu-se, mesmo. A bandeira Brasileira, você a verá em *A's Armas!*, do principio ao fim. Se quizer, mande photographias.

ROLINHA — (Bragança) — Muito prazer em conhecel-a, Rolinha. Pois bem. Aqui vae e seja feita a sua vontade... *Mystére*, é... Mysterio... E' isso. Afastamento temporario. Escreva para *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro.

LOTTICE HOWELL E' OUTRA QUE VEM APPARECENDO AHI COM VENENO. COMMIGO NÃO, VIOLÃO...

RANULIA NORTON SORÔA — (São Salvador) — Ha quanto tempo! Vamos conversar, não é? Didi e Lelita em breve corresponderão. Gostou da photo de Lelita? Ora se embarca! Gosto de suas cartas, sim. Parece que você é tão bôazinha... Tudo que você me escreve é interessante, como não. Vocação é cousa que se não discute. Reze sempre por mim, sim?... Dei as suas lembranças. Tire as poses que quizer e mande logo, ouviu? A que recebi, guardei carinhosamente. Você o que quer é me deixar curioso... Mas lembre-se que os velhos já passaram por muita cousa e que se não emocionam tão facilmente...

YVONNE CHEVALIER — (Rio) — E' aquelle que fez com Lars Hanson. Era, até, uma passagem da vida de Sarah Bernhardt. Victor Seastrom é que o dirigiu. Ella deixou o Cinema, sim. Fez só aquelle film. Não posso lhe informar, porque não vi e não sei, além disso. Volte sempre, Yvonne...

L. D. — (?) — Muito obrigado e outro tanto á você. Ella virá, pode descançar. E será formidavel, creia! Não. Não era aquillo. E' cousa milhões de vezes melhor ainda... O que entende por Brasileirismo? Pode me explicar? Não é questão de orgulho, creia. Mas ha de comprehender que elle é occupadissimo e é impossivel responder á todas que lhe chegam. Até que é bem modesto. Elle disse que ainda não resolveu... Farei o possivel. Mas é do Tim Mac Coy, mesmo?... Raiva? Absolutamente! Gosto muito de você, sim. E volte sempre, L. D..

NORUEGA — (Rio) — June Gulliver ou Dorothy Gulliver?

ENRICO BOSELLI — (Rio) — Gostei de ver que apreciou aquillo. E a sua opinião é muito sensata. Tem toda a razão. Mande photographias. Mas, aparte isso, annotei seu endereço, sim. Foi Octavio Mendes que escreveu. Meu retrato? Ha uns bons 35 annos que não tiro...

NOLAN — LOWE — (Soledade) — Gretinha de Passa Quatro, você "qué me embruiá"?... Eu "tô" conhecendo "ocê"... Mesmo papel, mesma caligraphia... Mas não tem importancia. Sempre é bom, porque me traz noticias suas... Eu vou bem, obrigado. Pois creia! Sou, sim. Aliás o prazer de estar ao seu lado seria todo meu... Olhe que sou um velhinho "a la" Edward Martidel... O endereço delle é *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. O outro, aos cuidados desta redacção. Mas por que não trabalha? Não me quer mandar uma de suas photographias? Tolices? Por que? Mysterio... Não comprehendo. Acceito o beijo e retribuo-o. Prefiro o seu outro appellido...

JOÃO DOMINGUES — (S. João da Bocaina) — São Paulo) — O Gonzaga entregou-me sua carta. Elle não era o operador, não. Nada recebi. O endereço que mandou estava errado. Foi o Studio e não a fabrica que mudou de nome. Justamente por causa da confusão de correspondencia. Mande outras poses. Considere que o seu pedido é um entre milhares que nos chegam. Mas se aqui se arranjar, independente de outras cousas, sempre se arranjará, depois, um papel ou outro. Gostou do tal film?

ALBERTINA FUZA'RI — (Livramento) — E' a segunda carta que a gerencia me entrega. E a resposta é a mesma. Diga quaes os artistas aos quaes quer escrever. *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro, é uma das fabricas. Mas saiba que todas as respostas são dadas aqui e as perguntas devem ser dirigidas á mim, Operador.

ARISTIDES — (Rio) — Como vae? Agradeço-lhe os bons desejos. Isso já será mais difficil... Você não sabe, ainda, que eu sou uma especie de "Dr. Fu Manchu"?... Didi Viana e Tamar Moema figuram em *O Preço de um Prazer*, da *Cinédia*, sim. Ella não continua lá, não. O negocio dos dedos não tem importancia, Aristides. Espere que a sua hora chegará. Nada se sabe, ainda sobre a exhibição aqui de *Piloto 13*. *Parallelos da Vida*, que se chamava *Religião do Amor*, já está quasi concluida e será breve lançada. Você tem razão, sim. E' um dinheiro muito bem gasto. Elle está sempre lá, mesmo. A's vezes, muitos outros, tambem. Tambem quer photographia minha? A ultima que tenho, tirei montado numa daquellas bicycletas de roda grande na frente e pequenina atraz... E ainda usava suissas e chapéo côco...

NILS NORTON — (Porto Alegre) — O seu gosto é muito bom. Deixe que seus amigos falem... Elles ainda concordarão comsigo... Aqui estão suas respostas. 1 — O "astro" é Maurice Chevalier. A pequena é Sylvia Beecher. 2° — Joan Bennett. 3° — Barbara Bedford.

O QUE SE EXHIBE NO RIO

PALACIO THEATRO

DEUSES VENCIDOS — (The Vicking) — Film da M. G. M — Producção de 1929.

100 °|° colorido. 100 °|° silencioso. Agrada. Narra a historia de uns normandos que descobriram a America... Qual! Os yankees não se conformam com o coitado do Colombo, mesmo... E vivem a descobrir outra gente que já descobriu, antes de Colombo ter descoberto...

Agrada, disse, porque a sua historia é agitada. Cheia de peripecias. E offerece, mesmo, bons detalhes. A invasão dos normandos naquella aldeia ingleza, logo no inicio, tem bôas cousas de Cinema, por exemplo. E, assim, outras. Pauline Starke está bem. Le Roy Mason, mal. Quasi compromette o film. Donald Crisp, Anders Randolf, Dick Alexander e os caras feias do elenco, todos, inclusive o pavoroso Dick Sutherland, bem. O colorido do film é passavel. Ha outros, em compensação, que nos mostram cavallos azues e céo salmon...

Podem ver sem susto. Não é formidavel e nem colossal. Apenas bom. O typo do film para uma sessão burgueza de domingo... A' comedia de Stan Laurel e Oliver Hardy, que serviu de complemento, sobre as aventuras de ambos em um leito de wagon dormitorio, vale o espectaculo...

Cotação: — 6 pontos.

O BEIJO — (The Kiss) — Film M. G. M.) — Producção de 1929.

O ultimo film silencioso de Greta Garbo. Depois deste, ella falará... Será Ann Christie. E mais outras cavalheiras que falam.

O seu ultimo trabalho silencioso, foi, tambem, o primeiro film de Jacques Feyder, nos Estados Unidos. O director belga que fazia films na França. E que nos deu *Thereza Raquin*, por exemplo...

O seu ultimo trabalho silencioso, tem, ainda, um scenario de Hans Kraly...

A historia é commum. Simples, mesmo. O tratamento que lhe deu o scenarista. E a vida que lhe imprimiu o director. E' que a fazem uma das mais interessantes.

Detalhes, existem ás duzias. Lindos angulos de machina. Photographia esplendida, toda ella. Bôa interpretação, de todo o elenco.

A apresentação de Greta Garbo, é admiravel. E aquelle detalhe do Yago, com aquelle detective particular de Anders Randolf, um colosso. Outrosim todos os outros e não poucos que pontilham soberbamente este esplendido film.

Vendo-o, é que se vê a differença da technica de hoje... Como eram bons os films silenciosos! Elles falavam á alma. Tinham um não sei que de formidavel, de profundamente animados para as nossas almas!... Hoje, falam... E nem sempre a voz tem a intelligencia do silencio...

Greta Garbo está formidavel. Como sempre, aliás! O seu papel é todo o film. Conrad Nagel e Lew Ayres, muito bem adaptados, auxiliam muito. Principalmente o ultimo, um joven muito photogenico e sincero, na sua interpretação.

Ella, esplendida, como sempre, agrada porque não representa. Vive... E' somente seu rosto que se move. Somente seus olhos que contam o que se passa no interior de sua alma... Bem por isso é que a chamam a melhor das artistas do Cinema...

Jacques Feyder, o director, auxiliado pelo excellente scenario de Hans Kraly, revelou-se digno do contracto que o levou a America do Norte. Escolhendo um angulo differente para focalisar a historia errada que Greta Garbo conta á policia. E, depois, mostrando, photographicamente, toda a indecisão da sua narrativa irresoluta, revela toda a força do seu cerebro. O que lhe faltava, na França, era a photogenia que sobra aos americanos. Deram-lhe tudo. Ambientes, os mais modernos e mais photogenicos. Artistas, os mais sinceros e bons. Operadores, os melhores. Historia, bem scenarisada. Elle deu o seu cerebro. E o film agradou.

Anders Randolf, excellente. Outrosim Holmes E. Herbert. E' um film que deve ser observado cuidadosamente. Porque é daquelles que lembram o tempo em que o Cinema pensava... Vão ver. Os beijos de Conrad Nagel. E o beijo de Lew Ayres.... Greta Garbo e Jacques Feyder valem qualquer sacrificio para ver o film. Pena são algumas superstições, ponteiros de relogio a andar e outras cousas que não são Cinema, que elle trouxe da França...

Cotação: — 7 pontos.

Como complemento, uma comedia soffrivel de Charlie Chase, com Thelma Todd e Anita Garvin. Tem bons momentos e tem-nos monotonos, tambem.

IMPERIO

ORPHÃOS DO DIVORCIO — (Marriage Playground) — Film da Paramount).

Sahindo do Cinema, seriamente, pensei no que poderia ter sido este film. Se fosse silencioso. E tivesse a mesma direcção de Lothar Mendes. Dentro dos recursos infinitamente maiores do Cinema falado...

A historia é soberba. Deliciosa, mesmo, em certos trechos. Se bem que os dialogos sejam curtos. E que a acção seja até bem regular. Ha, ainda, um grande numero de planos exhaustivos. Genuinamente theatraes. Aonde a voz impera e nem siquer um detalhe de genuino Cinema intervem para agradar ao *fan*... Mary Brian, suave e linda. Meiga e carinhosa. Tão joven e tão attrahente. Como é. E' todo o agrado do film. O seu galã, Frederic March, está mais sympathico e adapta-se bem ao papel. Já está ficando Cinematographico...

Mitzi Green vale meio film. A outra metade é de Mary Brian... Que pequena engraçadinha! Viva. Engraçada e intelligente! Seena Owen, coitada, dá logo a perceber que Frederic March a abandonaria, incontinente, pelos labios e pela mocidade de Mary Brian... Acho que só poderá agradar num film russo. Com um director cujo nome termine em off..

Kay Francis, sim. Tem uma voz quente. E, além disso, é de facto *vampiro*... William Austin, o eterno imbecil. Huntley Gordon e Lilyan Tashman o casal constantemente divorciado. E mais uma porção de gente para atrapalhar...

Mary Brian tem excellentes momentos. A scena entre ella e Frederic March, quando elle lhe dá o presente errado e, depois, entrega-lhe o outro. Com aquelle beijo... E' excellente e tem "it". Sentimento tem aquella em que elle vê o seu chapéo na mala.

100 °|° falado. Mas, apesar disso, 50 °|° agradavel. Para os inglezes e os que entendem inglez, 70 °|° bom.

Direcção bôa de Lothar Mendes. Se bem que não se possa exigir, é logico, que todo allemão seja Lubitsch...

O Imperio, apezar da visita do "Dragon" ao nosso porto não está sendo feliz com a sua temporada ingleza...

Cotação: — 6 pontos.

GLORIA

O GAVIÃO DO CEU — (The Sky Haw) — Film da Fox — Producção de 1929.

Um bom film de guerra. Apenas não é melhor, porque é uma versão "muda".

Ha apanhados de aeroplanos e de feitos de aviação, que agradam. A perseguição de um aeroplano inglez, pilotado por um official invalido, a um Zeppelin, é interessante e está muito bem feito. Ha muita cousa bem observada e interessante. John Garrick e Helen Chandler, tão sem gracinha, são o par.

Direcção de J. G. Blystone.

Cotação: — 6 pontos.

CAPITOLIO

ALVORADA DO AMOR — (Love Parade) — Paramount — Producção de 1929.

O primeiro film de Chavalier, para a Paramount, Innocentes de Paris, foi um film.. O segundo, este. E' um assombro. Assombro, diga-se, não porque seja o maior dos films. Mas porque revela, finalmente, alguem que soube comprehender o Cinema falado. E soube aproveital-o, dentro do que tem de aproveitavel. E não gastal-o tolamente. Como tolamente o têm gasto muitos directores de hoje...

E' o primeiro film falado que tem Cinema. Que tem detalhes. Que não deixou a voz matar o symbolo. E não permittiu ao canto suplantar a belleza do sophisma silencioso...

Mas por que será *Alvorada de Amor* um film assim? Por causa de Chevalier? De Jeannette Mac Donald? Da musica de Victor L. Schertzinger? Do scenario de Erenst Vajda? Da operetta "O Principe Consorte" em que foi baseado? Um pouco. Não ha duvida. Mas, principalmente, cabalmente, mesmo, por causa de Ernst Lubitsch.

Sempre formidavel este Lubitsch! Alguem já disse, nos Estados Unidos e, com razão, que se Mack Sennett lhe desse uma historia, elle faria a melhor comedia em dois actos, com banhistas e *girls* yankees, do mundo! E, desconfio, mesmo um jornal Cinematographico, se lhe dessem, seria o melhor e o mais interessante...

Elle é completo. Já tem sido, dentro do que todos sabem ser o seu genero. Já o foi em genero que não é apontado como seu. E será, ainda, em todos aquelles em que se metta. Porque, antes de mais nada, elle tem Cinema, dentro do seu cerebro. Deram-lhe microphones. Exigiram que o film falasse. Havia canto. Musica. Todos os ingredientes communs aos baratos assumptos que tanto o Cinema falado tem explorado, ultimamente.

Mas tinha possibilidades. Tinha um paiz imaginario. Um francez. Uma princeza. Prompto! Era o necessario para Lubitsch...

O resultado ahi está. Um film puro. Cheio de fantasia, é certo. Mas cheio principalmente de encanto. O inicio, todo. A logica intercalação das canções. Aquelle *sketch*. *Sketch*, sim, com Andre Cheron, Yola d'Avril e Chevalier... Lupino Lane. E, depois, o reino imaginario.

A princeza. Haverá cousa mais linda do que o despertar de Jeannette Mac Donald?

E, successivamente, os detalhes do film. A malicia de uma phrase. A eloquencia silenciosa de um detalhe. Comedia em abundancia. O namoro acrobatico de Lillian Roth e Lupino Lane... O theatro. O detalhe do binoculo. A malicia, subtendida e leve. Tudo!

E o final. Delicioso! Cinema falado assim, estende-se até á China! Ainda que le-

treiros não existam. Porque a base do film é a linguagem genuinamente Cinematographica. A voz coopera. E, sem duvida, ouvir-se a voz de Jeannette Mac Donald é ouvir-se uma das cousas mais deliciosas deste mundo. As canções que ella canta, todas, são lindissimas. Revelam o gosto musical do tambem celebre director Schertzinger. Mesmo a melodia marcial que canta, é admiravel. Chevalier, é, com Jeanette, o maior agrado do film. Suas canções, todas, são muito felizes. E, além disso, elle é figura que não precisa falar para agradar. Tampouco cantar... E Lupino Lane e Lillian Roth, fazem saudade.

Os films de Lubitsch são extraordinariamente beneficos para a alma e para o espirito! Fazem bem... Este, então, tem cada scena adoravel... E' um film que tem muito de uma anecdota maliciosa, contada ao ouvido e muito de um conto de fada que enleva um sonho de creança...

Deve-se tudo a Lubitsch. Chevalier e Jeanette collaboraram... Ella é admiravel. E que voz! Ouvindo-a, fica-se sem querer gostando do Cinema falado...

Um *talkie* esplendido. Porque é Cinema puro, antes de tudo.

Ha muito que não apparecia um film que se destacasse tanto. Bateu todos os "records" de bilheteria aqui e em S. Paulo.

Cotação: — 10 pontos.

ELDORADO

BROADWAY SCANDALS — (Broadway Scandals) — Columbia — Producção de 1929.

Jack Egan, com boa voz e regularmente sympathico, tantas e tantas vezes pae de Chuca-Chuca nos films da Universal. Agora apparece como "astro" de Broadway e cantando as suas coisinhas... Já o vimos, aliás, cantando tambem num film colorido de Gus Edwards. E' um film de... canções. A mesma cousa que todas as fabricas já fizeram... A Columbia sempre faz assim... Jack é interessante, sem duvida. Sally O'Neill vae bem e imita com muita graça o numero de Carmel Myers. Esta, sempre linda... As scenas de espectaculo theatral, são muito longas e exhaustivas. Podem assistir. Pode ser que não cheguem a abrir a bocca...

Direcção de George Archainbaud.

Cotação: — 6 pontos.

TUDO PELO JAZZ — (Is Everybody Happy?) — Warner Bros. — Producção de 1929.

Ted Lewis é excellente para discos. Deve sempre cantar escondido. Porque é feio, o coitado... E' desageitado... E' tristemente máo artista... A sua voz é bôa e excellentes os fox-trots e os blues que cantou neste film. Mas elle... Ave! Ann Pennington, outra que parece ter descoberto o elixir da eterna juventude, encanta com suas dansas, particularmente o seu hula-hula...

Alice Day, serve. E tem uma boquinha... Vale a pena ouvir a musica do film. Particularmente os que apreciarem a musica moderna, de jazz desenfreado...

A direcção coube a Archie L. Mayo que se queixou, muito da especie de artista que é o Ted Lewis...

Cotação: — 6 pontos.

CORAÇÕES NO EXILIO — (Hearts in Exile) — Warner Bros. — Producção de 1929.

Producção americana sobre gente da Russia... Os russos devem ter dado um grande estrillo. Com os norte-americanos! Desaforados... Que sempre vivem a se metter pelas suas vidas a dentro, aformoseando os homens que elles teimam em conservar immundos e barbados. E arranjando umas pequenas romanticas para estrellas, quando elles, tambem, só gostam de mostrar mulheres pavorosamentes feias... Mas "num diante"... O americano é teimoso... Aqui está a prova! Se "Barqueiro do Volga" deu apoplexias, na Russia. Este... Matará os restantes...

Dolores Costello, coitadinha, faz o possivel para convencer que é russa e que soffre. E Grant Withers não pode agradar, pela simples razão de ter apparecido tanto naquellas comedias, ao lado Al Cooke e Kit Guard, cacetes como nada tão cacete pode haver neste mundo...

James Kirkwood faz um official russo. Não desagradará. Principalmente se quizerem se convencer de que os americanos gostam de ridicularisar o mundo todo...

Cotação: — 5 pontos.

RIALTO

NA ROLETA DA VIDA — (Der Faschingskoenig) — (Urania).

Como sempre, falha pelo scenario e pela direcção. E' longo. Cansa o espectador. Ha, no emtanto, alguns detalhes bem observados e certas qualidades a que faz juz. Renée Heribel, Henry Edwards, Elga Brink, Miles Mander e Gabriel Gabrio, completam o elenco. A direcção é de George Jacoby.

Cotação: — 5 pontos.

FALSA VIUVA — (Hurrah! Ich Liebe!) — Ufa — (Urania).

Historia banal. Nada do film adapta-se ao gosto das nossas platéas. Ha cousas que absolutamente não podem parecer reaes aos espectadores. Foi, aliás, bem pouco o publico que o procurou ver...

Gustav Froelich e Betty Astor são os principaes. Nikolai Colin e Natalie Lisenski apparecem. Mas representam muito theatralmente. A direcção é de Wilhelm Thiele.

Cotação: — 4 pontos.

AOS PE'S DO ALTAR — (Ve siegette Lippen) — (Urania).

Film para semana santa. Argumento bom. Visando ferir o espirito religioso do povo. Scenas conduzidas com certa naturalidade. Mona Martenson, é a principal figura do film. Louis Lerch e Hilda Maroff, apparecem. Stinn Berg, Edwin Adolphsson e Karin Swansstroen, completam o elenco.

Cotação: 5 — pontos.

A PRINCEZA DO CIRCO.

Uma historia de circo... Mas para historias assim, só mesmo os americanos, que são de circo... Porque os allemães, coitados, são muito pesados, especialmente o nosso amigo Harry Liedtke, que nem para trapezio e nem para corda bamba já serve... Hilda Rosch é a heroina. Depende da sorte de publico que o assistir. Não o recommendo, no emtanto.

Cotação: — 5 pontos.

PATHÉ

O PREMIO DO AMOR — (Señor Americano) — Universal — Producção de 1929.

Ken Maynard continua sendo, indiscutivelmente, o unico artista cow-boy supportavel. Os seus films têm um interesse que é justamente o que falha nos demais, do genero. O film é movimentado e mostra aspectos daquella velha California que os americanos tanto gostam de metter nos seus films... Kathryn Crawford é a heroinazinha sem sal... Gino Corrado, Frank Beal e J. P. Mac Gowan, completam o elenco. A direcção, como sempre, de Harry J. Brown.

Cotação: — 6 pontos.

A MARCA VERMELHA — (The Red Mark) — Pathé De Mille.

Para esta epoca de Cinema falado, um film calado, sem duvida, é um colosso. Principalmente quando é bom como este. Mas porque é elle bom? Porque? Ora... A direcção é de James Cruze...

O seu trabalho, como director, é admiravel. Não se lhe escapa o menor detalhe. James Cruze, como poucos, conhece demais a linguagem dos symbolos e das imagens... O seu trabalho, neste film, é admiravel. Com um punhado de artistas fracos, fez elle um film bastante acceitavel. De enredo humano. E, ainda, muito interessante e agradavel de se assistir. A acção se passa numa ilha sujeita ao dominio francez. Neno Quartaro, hoje na Hal Roach, é a heroina. E Gaston Glass, desde "Humorwsque", não tinha opportunidade melhor. Gustav Von Seyffertitz tem, tambem, soberbo desempenho.

Cotação: — 6 pontos.

ENIGMAS DA FRONTEIRA — (The Frontier Trail) — Pathé — Producção.

Harry Carey... Ainda ha muita gente que se lembra dos seus bons tempos na Universal... Films dirigidos por John Ford. Argumentos que eram pedaços da vida transplantados para a téla... Hoje, coitado, ainda é o mesmo artista sincero de sempre. Mas luta contra os annos de idade que o avassalam e contra os argumentos futeis que lhe dão. Vamos esperar "Trade Horn". E' a derradeira esperança dos "fans" que ainda o estimam, como nos seus bons tempos na Universal...

Este film é sem importancia alguma. Banal e corriqueiro, como o mais banal e corriqueiro dos argumentos. Não o assistam. E' uma radical decepção...

Cotação: — 4 pontos.

O LAÇO DA LEI — (The Lariat Kid) — Universal — Producção de 1929.

Um film apenas soffrivel. Nada tem de invulgar e revela o mesmo Hoot Gibson de dezenas e dezenas de films. Ann Christy é a sua heroina. Andry Waldron, Walter Brenan e o Francis Ford de tão bons tempos, apparecem.

Só mesmo se estiverem com vontade de descançar e o Cinema seja o mais proximo descanço... Ou, então, uma morena...

Cotação: — 4 pontos.

VAQUEIROS DE SALÃO (Smilin' Guns) — Universal) — Producção de 1929.

Mais um de Hoot Gibson. O seu trabalho é sempre sincero.

Blanche Mehaffey é a pequena. Bem feinha, aliás...

Cotação: — 4 pontos.

AS CAPAS NEGRAS — (Capas Negras) — Coimbra Film.

Um film portuguez. Assumpto muito local e pouco interessante e photogenico.

Luiz Leitão, actor portugez, entre artistas francezes como Nilda Duplessy e Regine Bouet são as principaes. G. Dini, artista italiano tem tambem um papel de destaque e foi o director.

Cotação: — 3 pontos.

VENDAVAL DA SORTE — (Driftwood) — Columbia.

Don Alvarado e Marcelline Day, num film que é, sem mais e nem menos, uma edição secundaria de "Seducção do Peccado", de Gloria Swanson. Marcelline, no emtanto, apresenta-se linda e adoravel como nunca... Don Alvarado apresenta um bom trabalho. O film pode ser visto. Embóra apresente ambientes sordidos e typos os mais canalhas e immundos.

Cotação: — 5 pontos.

O "TEAM" DE "INDICADORAS" DO CAPITOLIO

Os Romances

(DE OCTAVIO MENDES)

Chamam-nas *vagalumes*. Outros, mostrando saber falar inglez, *ushers*. Os mais simples, *indicadoras*...

As suas funcções, são as mais simples possiveis. Guiam, pela escuridão das salas em sessão, os espectadores que chegam. Aos seus lugares predilectos.

Isto é o que dizem...

Para tanto, usam lampadas E um uniforme que as faz parecer alumnas de collegio de freiras...

Muitas vezes, mesmo, pelo escuro, assustam o espectador, que dorme. E surprehendem o espectador que... não dorme...

São assim para os que não observem. Porque, verdade se diga, tem, todas ellas, um romance. Qualquer uma dellas o tem.

Porque?

Ora, é tão simples...

Na téla, todos os dias, vêm-se os dramas de celluloide. Os romances que vêm enlatados... E, em summa, tudo aquillo que o publico chama de *fantasia*...

E na platéa... ali mesmo! Quantas e quantas vezes! Ellas, as *indicadoras*, não se fazem testemunhas de pequeninos dramas. Pequeninas tragedias. Pequeninas comedias. E até pequeninas farças... Todas, sempre, mais fantastica e mais inverosimeis do que todos os romances das télas... Cousas, em summa, que os jornaes annunciariam, se soubessem, com os titulos grandes... COMO NOS FILMS...

E ellas, as pequenas que *illuminam*, são as silenciosas espias desses romances. Dessas historias diarias e variadas que enchem as sessões de Cinema...

Algumas, são lindas. Outras, bonitas. As demais, bonitinhas...

Nos seus empregos, nem sempre são constantes. Mudam muito... Ali se acham. De repente, não mais ali estão...

Algumas, deixam a lampada curiosa e indiscreta. Pela alliança reluzente e esperançosa... Deixam as fitas da platéa. E os realismos da téla. Pelas panellas e pelo fogão... Trocam as sandalias do emprego por futuros sapatinhos de lã...

Outras... Queimam-se com as lampadas curiosas... E, tempos passados, voltam. Mas, ahi, como espectadoras. Com pelles pesadas. Joias. Vestidos á ultima moda. Brilho extranho nos olhos... Perfumes carissimos pelo corpo todo... E emquanto o film passa. E "um" delles não chega. Ellas olham as *vagalumes*... Humildes e engraçadinhas. Relembrando-lhes um passado distante que achavam tão *amargo*, naquelles tempos e, hoje, parecendo-lhes *tão bom*...

Ainda outras, continuam. Sempre e sempre vagando pelas salas escuras. Sempre sempre apreciando as minucias curiosas da platea tragi-comica de todos os dias... Sempre como os vagalumes, vagueiando pelas noites pretas a descobrir os segredos das selvas..

Ellas soffrem. Ellas se divertem. Ellas misturam lagrimas e risos, amargor e felicidade.

Algumas, amam. Aquelle moço bonito. Vistoso. Forte e elegante. Que sempre vem á sessão das tantas...

Outras, comprehendem melhor a vida...

E vivem. Soffrem a malcreação daquelle. Sujeito alto, vermelho, quasi velho. Que, ás vezes, até estupido é...

E se deliciam, outras vezes, com a delicadeza daquelle outro. Muito moço. Moreno. Bigodinho. Tão gentil... Tão attencioso...

Camaradas, guiam, sempre, ao encontro do que procuram, as cavalheiras que nunca acham lugar... Mesmo num Cinema vasio... Ellas, as *vagalumes*, conhecem tão bem aquelle manejo... E, sem que ellas falem, levam-nas para perto do homem mais maduro que ali houver... Cujo annelão brilhe á luz da lampada curiosa... E cuja apparencia seja de millionario...

Mas divertem-se, depois, com os mocinhos. Cheios de pennugem debaixo do nariz que a força querem chamar bigodes... Que entram. Sempre a procura de um lugar á esquerda de Joan Crawford e á direita de Clara Bow... Estes, ellas os levam para

AS "VAGALUMES" DO IMPERIO

das "VAGALUMES"...

as proximidades de uma Polly Moran ou de uma Marie Dressler.

—oOo—

As primeiras com as queas falei, foram as do Capitolio. Ali em cima, na photographia, estão ellas todas. E, aqui, apresento-as. Da esquerda, para a direita. Yvonne Nunes, Ruth Gonçalves, Leonor Fernandes, Dilma de Mello, Rosa Corrêa.

E, agora, a narração fiel do que me contaram...

Yvonne, é uma pequenina assim "a la" Gertrude Short... Rostinho redondo. Gordinha. Sorriso muito sympathico e esplendidamente delicada. Seus olhos, são duas malicias constantemente aos pulos... Ella me disse, depressa, que ha um sujeito, que ellas chamam de "Ministro". Que é o homem mais ranzinza do mundo... Mas que com ella, o "Ministro" é tão carinhoso... Mas que a paixão do velho são os seus pésinhos. Que até parece o Tully Marshall sempre a ver os pés de Mae Murray... Mas que o rapaz que ama, de verdade...

Fez uma pausa. Seus olhos pararam de saltar. Ficaram tristes. As suas colleguinhas buliram com ella. Ella não disse mais nada...

Depois falei com Leonor. Uma loira alta. Grande. Muito attenciosa... Que me deu, logo, assim que pedi, uma de suas photographias. Leonor é uma figura interessantissima! Tem muita vida. Tem um porte majestoso... Tem "it"... E ella, francamente, disse:

— Olha! Não trepido em lhe dizer. Esses mocinhos, todos, só vêm ao Cinema por nossa causa...

As outras se riram do exaggero. E uma dellas, mais indiscreta, contou-me que ha um que a Leonor ama, e que, mesmo, deixa até de comer por causa delle... Leonor não me disse que não. Nem que sim. Sentou-se para posar para a objectiva que as esperava. E, nos olhos, enfrentando a machina, poz toda a malicia e toda ironia da resposta que lhe morrera na garganta...

Depois, falei com Dilma. E' uma moreninha magrinha. Muito sympathica. Que perdeu o coração lá para os lados de São Christovão... E que, por isso, parece mais abstracta do que attenta... Mas falou-me num Alvaro. Será o de São Christovão? Ou será um Alvaro do qual ella quer ser a eterna escrava Isaura?... Queixou-se amargamente das frequentadoras dos Cinemas. Disse-me que as mulheres são muito mais exigentes. Impertinentes. E ranzinzas do que os homens... E que havia uma, então, que cada vez que ia ao Cinema com o filhinho, scismava de o deixar com ella, achando-a com cara de ama secca...

Depois... Falei com a Ruth. Ah, a Ruth... E' uma morena côr de canella... Tem uns olhos liquidos e grandes. Levados e irrequietos como elles sós... E' uma dessas morenas que fazem qualquer distrahido parar e... suspirar... Fala com muito desembaraço. E é mais travessa do que a Clara Bow... E' o typo da *vagalume* que faz a esposa beliscar o marido, no escuro, e dizer, zangada. "Oh Chico! Vamos largar de olhar essa morena?"... E tem razão...

Eu gosto do Ernani! Ernani,

(Termina no fim do numero).

No Palacio Theatro.

A historia de Greta Garbo

(Continuação)

chefes. Nunca usou demasiadamente da palavra e sempre pouco uso fez da gesticulação.

— Gostava muito de vender chapéus.

Disse-me Greta Garbo.

— Parecia que estava representando. Convencendo a pessoa que queria comprar de que aquelle era o unico que, realmente, attenções merecia... Mas o theatro, a arte de me mostrar em publico, convencendo-o do que eu sentia, esta não sahia de minha mente. Como invejava uma artista! As unicas creaturas que já invejei em dias de minha vida. Eu soffri muito assistindo espectaculos. Porque não podia conceber que o publico sentisse tão fracamente uma representação. Eu comprehendia aquillo como se fossem particulas do meu ser. E elles conversavam. Riam. E, occasionalmente, olhavam o palco...

— E tem algum artista preferido?

— Não. Nunca! Jamais tive artistas preferidos. O que elles representavam é que sempre me interessava. Como sempre me interessa, até hoje. Mas elles, particularmente, não.

— Porque nunca entrou, então, para o grupo de amadores que existia naquella epoca no seu bairro?

Ella pensou um boccado. Era, mesmo, extranho que ella, amante como era da arte de representar, jamais se houvesse interessado por um grupo de amadores no qual poderia ella ter começado.

— Porque elles brincavam de representar. E eu queria representar a serio. Assim, não me convinha.

— Um dia — continuou ella — o meu departamento na loja revolucionou-se. O director de publicidade entrou acompanhado de um homem jovial e risonho que para todas se voltava e sorria. Vimos logo que era o Capitão Ring, dono de uma firma que explorava films de reclame. As novidades eram, realmente, curiosas. Elle iria fazer um film mostrando como se deviam vestir os cavalheiros e as senhoras, dos pés á cabeça. Seriam utilisados artistas de facto para os principaes papeis, auxiliando, é logico, as modelos, no que lhes fosse possivel e quando necessario fosse. Quando o Capitão Ring ia sahir, o agente de publicidade chamou-lhe a attenção para a pequena que servira de modelo para chapéus e que elle reputava interessante. Combinaram que talvez utilisassem os meus prestimos.

Greta Garbo sahiu da fila. Seu coração parecia querer saltar-lhe do peito. O Capitão Ring olhou-a de alto a baixo.

— Sinto. Mas Olga Andersson, nossa principal artista, fará muito melhor a figura do mannequin.

Sahiram.

Depois foram tirados "tests". Vestia ella uma roupa de amazona, um tanto folgada porque lhe queriam dar um caracter mais comico do que serio. E, assim, para um film de propaganda, trajando-se de amazona, Greta Garbo appareceu pela primeira vez diante de uma objectiva! Que começo para a mulher que, hoje, é a principal entre as principaes artistas dramaticas do Cinema!!!...

Mas a historia, depois, relata que ella se sahiu admiravelmente. Que fez um papel perfeitamente comico e que o Capitão Ring lhe prometteu logo mais trabalho em outros films. Promessa essa que cumpriu.

Devemos incluir esse Capitão como seu descobridor? Totalmente, não. As honras, reparte-as elle com Mauritz Stiller, já fallecido, coitado e Erik Petshcler. Foram os que realmente a lançaram no Cinema.

Ring foi, naturalmente, o primeiro que a photographou com uma camera. Depois, para Petchler, figurou no seu primeiro film dramatico. "Pedro, o ladrão". Mas foi Stiller que lançou, de facto, na sua admiravel e unica grandeza. Com elle, fez Greta Garbo "Gosta Berling".

Depois do film de propaganda, deu-lhe o Capitão um papel em outro. Depois, num film feito na Suecia para ser exhibido no Japão mostrando a cultura suéca.

Em 1922 teve a opportunidade de apparecer num film de reclame commercial para uma firma da cidade de Orebro. Era para ser um romance do norte, feito em escala de grande producção, e as filmagens deviam ser feitas longe de Stockholmo. O Capitão Ring, de novo, foi a procura de Greta Gustaffson na loja e pediu-a para o tal papel. O seu papel era o de uma valkyria. O seu chefe, no emtanto, tendo-a sempre occupada como modelo e mannequin de modas, não a quiz ceder. Que desillusão ella teve, a pobrezinha!

Ella ia muito bem na loja. Talvez hoje, 1930, já fosse ella a chefe das chapelleiras da loja... Mas a arte de representar attrahia-a, fascinava-a. Aquelle era um virus que já havia penetrado seu sangue. Ella precisava representar. Viver papeis que era o que ella sentia.

— Sentia que era chamada para a arte de representar. Fosse diante de um objectiva. Ou num palco.

Assim, a hypothese de frequentar uma escola de arte dramatica deixou de ser, para ella, hypothese. Passou a ser realidade palpavel e necessaria.

——o——

Numa tarde de Julho de 1922, um homem, cheio de planos e com dinheiro para fazer um film de banhistas, uma comedia a maneira de Mack Sennett, descia pela rua mais movimentada de Stokholmo. A figura de Greta Garbo, na vitrine da casa de chapéus, quando ella veio buscar um delles, chamou-lhe logo a attenção. Marcou-a. E, mais tarde, encontrando-a, novamente, na rua, abordou-a.

Ella já notára a insistencia do seu olhar. E, assim, Erik Petschler, director do film, soube que a pequena que achava propria para o que queria, era empregada de uma loja.

— Máu! — pensou elle — Uma pequena que trabalha não vae deixar seu emprego para fazer um film...

Tyra Ryman, uma das artistas de Petschler, interessou-se e falou com Greta Garbo.

Ella perguntou se, realmente, Erik a queria para o papel.

— E' justamente o typo que elle procura!

E, assim, conversando, ficou Greta Garbo de telephonar, no dia seguinte, para dar a sua resposta ao director.

Agora vamos deixar o proprio Erik Petschler terminar a historia.

— Greta Gustaffson procurou-me em meu escriptorio. Pedi-lhe que recitasse alguma cousa. Ella me recitou um ou dois sonetos de escola. Fel-o bem. Tratamos, então, de um possivel contracto e de um possivel ordenado. Mas ella o acceitou. Tentei trocar a epoca das suas ferias, para que esses dias tambem ella ganhasse na loja. Mas o chefe foi intransigente e disse-me que nada podia modificar neste ponto. Assim, fui obrigado a dizer a Greta Gustaffson que não era possivel acceital-a. Porque não a queria curtir necessidade por causa do meu film. E nem podia garantir-lhe um trabalho constante.

Foi ahi que ella se resolveu de vez.

— Não me importo com o meu feriado ou as minhas férias. Eu quero trabalhar no seu film!

Foi assim que, num impeto, passou ella de empregadinha de loja a artista de Cinema.

— Contei á minha mãe a decisão que tomára — disse ella, continuando — Ella pensou, como fazia sempre, e depois me respondeu, como sempre me respondia. "Se achas que é o caminho certo, toma-o. Tens juizo sufficiente."

Assim, pela primeira vez, em roupa de banho, appareceu ella ao publico, num film que se chamava "Pedro, o vagabundo".

Petschler prometteu-lhe outros papeis. Mas não foi tão depressa que ella os conseguiu...

O contacto de Greta Garbo com artistas profissionaes, ensinou-a de que precisava de treinos immediatos. Procurando satisfazer, assim, aquillo que achava ser uma necessidade, procurou ella Frans Enwall, antigo instructor dramatico da Escola Dramatica de Stockholmo e, por esta epoca, professor particular dessa mesma arte.

— Disse-lhe como os moços sempre dizem aos velhos naquillo que se quer tentar. "Eu preciso me tornar artista." E perguntei-lhe se era difficil e se demorava muito.

— Em Agosto era a epoca das provas. Se fracassasse, tudo se fôra, no meu sonho de infancia. E em Setembro eu fazia apenas dezesete annos...

— Fiz a minha prova num nervozismo intenso. O jury compunha-se de vinte membros. Jornalistas, criticos, gente de theatro e professores dramaticos. Nem sei como é que entrei. As pernas pareciam não me querer obedecer. Senti que ia desmaiar. Nada via e nada sentia. Aquillo era medonho. Pensava no meu fracasso. Na agonia de minha mãe, amorosa e terna, ansiosa e tambem esperançosa. E fiz aquillo num instante. Como doida, sahi pela porta afóra e nem me despedi de ninguem. Pelo caminho quiz voltar e dizer á um por um que aquillo fôra nervozismo e não falta de educação...

— Não consegui dormir a noite toda. Durante o dia seguinte todo, não disse palavra. Tinha certeza de ter fracassado. Já pensava numa volta possivel ao meu departamento de chapéus...

— No terceiro dia o telephone me chamou. Tinha sido approvada na prova e da escola chamavam-me. Pensei que fosse morrer de alegria!!! Podia considerar-me uma artista! Aquillo para mim era a suprema felicidade...

— Começou a minha educação artistica. Durou de 1922 a 1924. O director era Gustaf Molander. Mais tarde tambem fez films. Muitos eram os nomes celebres da Suecia que tomavam parte na escola.

— Foi uma epoca maluca na minha existencia! Custou sacrificios, sem duvida. Porque minha familia era pobre e as necessidades que eu devia supprir, por força, não eram pequenas. Minha mãe, no emtanto, sempre se mostrou animada e protectora. A situação financeira de meus irmãos melhorava. Iamos lutando.

— O meu habito peor era o de chegar tarde ás aulas. Todos já se riam quando eu entrava, na ponta dos pés, quasi sempre atrazada... Mas isto tudo. Embora fosse a que sempre chegasse tarde, tive uma opportunidade. Fui posta sob contracto com a Escola Dramatica e percebia quarenta dollares por mez...

O ensino não era facil. Os cursos eram de voz. De educação. De gymnastica.

Greta Garbo nunca se mostrou favoravel a tocar nos papeis que desempenhava nas aulas da Escola. Mas sabe-se que ella foi uma perfeita Hermione, da peça "Um conto do inverno". E o seu professor de voz, Karl Nygren, disse que era das vozes mais perfeitas que já havia ouvido em dias de sua vida...

"O Homem Invisivel" e "Um jantar de despedida", foram peças em que figurou com grande successo. O seu contracto foi assignado em Fevereiro de 1924. Mas, em Março, foi annulado... Nesta epoca ella assignava assim o seu nome. Greta Gustafson Garbo...

O mez de Fevereiro desse anno, para Greta Garbo, foi accidentadissimo. Pois, durante o mesmo, precisou quebrar o seu contracto com a Escola Dramatica e, depois, deixar o theatro, de vez, pelo Cinema.

Estas decisões foram tomadas depois de uma telephonada que recebeu de Mauritz Stiller, o grande director suéco.

— Não tome resoluções para o verão!

Era um general do film, na Suécia, que lhe transmittia a ordem. Era necessario que fosse obedecido.

E' preciso voltarmos um boccado para traz, para sabermos como é que Mauritz Stiller entrou na vida de Greta Garbo.

Pela primavera de 1923, Gustaf Molander disse a Greta Garbo que Mauritz Stiller procurava uma pequena para um papel importante de um de seus films.

— Procurei Stiller depois da aula, naquelle dia mesmo. Nunca o havia visto. Seu nome e sua fama é que me eram familiares. Sentia-me constrangida quando me vi na possibilidade de o ver. Porque admirava muito o seu genio. Elle não estava em casa. Esperei. Depois elle chegou. Em sua companhia vinha o seu enorme cão. Eu tremi.

— Não me dirigiu palavra. Olhou-me longamente. Annos depois elle me contou exactamente como é que eu me trajava naquelle dia. Depois de longo silencio elle passou a falar de cousas sem importancia alguma. Falou do tempo. Das horas que passavam. De tudo. Menos do que interessava.

— De repente, quando menos esperava, elle me perguntou. "Porque não tira o seu casaco e o seu chapéu?". Eu o fiz. "Dê-me o seu telephone". Foi tudo quanto disse. Era claro que não o tinha interessado. Elle quizera ver o meu corpo. Notei que não o interessava. Puz de novo o meu casaco e o meu chapéu. Disse-lhe adeus e sahi. Sentia-me desapontada e triste. Eu precisava ganhar dinheiro. E, assim, naquella epoca, não me preoccupavam muito estas cousas.

Depois de alguns dias, com surpresa, Stiller telephonou-me.

— Quer vir á Rasunda Film, amanhã, e tirar um "test"?

— Apanhei um taxi, no dia seguinte, á hora combinada e, doida de alegria, corri para o endereço indicado. Não fui feliz. Estava por demais nervosa e excitada.

— Maquillamo-nos e fomos para a prova. Stiller indicou-me uma cama que estava á um canto do Studio. Disse-me que me queria ver doente... Achei aquillo asneira. Elle me olhou. Depois, com grosseria, gritou.

— Com os diabos! Não sabe o que é ficar terrivelmente doente?

— Assim, como elle falava, era-me difficil comprehender o que realmente elle queria. Mas tentei na forma melhor possivel. Foi isto a minha prova. Fui para casa aborrecida e mais uma vez desilludida. Dias depois, quando me deram a noticia de que devia ser a Condessa Elisabeth Dohna, do film "Gosta Berling", senti que me arrumavam um peso á cabeça e quasi desfalleço...

— Não podia ainda crer naquillo. Mas já me sentia immensamente feliz. Muito já se disse deste film. Era grande a ansiedade em torno delle. Satisfez á todos e o meu papel era admiravel!

Greta Garbo, por alguns instantes, deixou-se ficar immersa em recordações. Naturalmente relembrava as suas glorias aos dezoito annos...

— Durante todo o primeiro dia de filmagem não consegui reunir forças para dominar meus nervos e conseguir tirar um só primeiro plano. Palavra, sentia-me profundamente doente, esse dia... Todos sahiram. Fiquei com Stiller e o operador. Ainda nada! Eu sentia que elle, o genial director, estava ali ao lado, espreitando-me...

— Depois me acalmei um boccado. Proseguiu a filmagem. Foi um trabalho lento. As scenas de neve deviam aguardar o inverno. E o verão todo, passou-se filmando externos. Depois aquillo passou a ser trabalho facil para mim. Não mais me preoccupei com a objectiva. Fazia tudo com relativa facilidade...

Quando "Gosta Berling" foi terminando, Greta Garbo voltou para a escola Dramatica e passou a ser "artista". Na extensão da palavra. Ganhou um melhor contracto e a sua consideração já era outra. Ella já havia pedido a Mauritz Stiller que lhe suggerisse um nóme mais agradavel para os ouvidos. Elle suggeriu Greta Garbo. E parece que até hoje ficou...

Este contracto não tinha sido assignado e já recebia ella nova telephonada de Mauritz Stiller. Havia outro papel para ella. Pediu ella ao empresario do theatro que a desligasse do seu contracto. E o foi para sempre. Porque, dahi para diante, só devia ella, mesmo, representar para os films...

"Gosta Berling" conquistou o mercado europeu. Para a epoca em que foi feito, foi admiravel e bom. Stiller sabia escolher os seus artistas. Ninguem o influenciava nas escolhas. Elle apontava os rapazes e as moças e ia dizendo, quando lhe agradavam. "Ali está um artista!" E sempre acertava...

Greta Garbo é a prova do quanto elle sabia escolher.

Em 1924 escrevia Ragnar Hylten Cavallius, o scenarista.

— Ao lado de Jenny Hasselquist, Mauritz Stiller collocou duas principiantes da nossa Escola Dramatica. Mona Marstenson e Greta Garbo. E' verdade que nada ellas são mais do que barro nas mãos do director admiravel que elle é. Mas o barro tambem não pode apanhar alguma inspiração que a mão do mestre transmitte? Creiam! Em poucos annos Greta Garbo será um dos maiores nomes do Cinema mundial! Ella tem belleza, personalidade e caracteristicos que a fazem differente de todas as outras!

Propheta admiravel que elle foi!

Quando da abertura de "Gosta Berling", Mautirz Stiller falou. Entre outras cousas, elle disse.

— Aventuro dizer, talvez como paradoxo, que para os films, como para as peças de theatro, deviam só amadores serem utilisados. Quando um artista realmente é "grande", elle quasi sempre procura exaggerar o que faz. Elle procura, na eterna luta, readquirir a sua naturalidade dos tempos bons

(Continua no proximo numero).

Almas Perdidas

(FIM)

— Sahir?... Não. Se me mandas sahir, outra vez, faço-o. Mas será para dizer, de porta em porta, a sorte de canalha que és...

Ficou. Era o derradeiro grito do dominio de annos que sempre a vencera e que sempre lhe tolhera qualquer movimento de reacção...

Pela manhã, antes do sol sahir, escorregou elle pela porta.

Haviam pescadores por ali. Reconheceram-no e o viram sahir. Perseguiram-no.

Foi o escandalo.

Mulheres se approximaram e disseram a Lou um boccado do seu despreso...

Ella se fez resoluta. Correu ao pharol. Entrou pela sala de John a dentro. Fechou-a.

— Sabes?... Guardei Maxime em casa, a noite toda. Elle foge da policia. Matou! Quando sahia, viram-no. Perseguiram-no. Eu, todas me apontam e dizem que sou a ultima das ultimas...

John olhou-a. Enrugou a testa. Depois estendeu-lhe os braços. Ella, soluçando, aconchegou-se á sua protecção.

— Lou... Volta! Não te incommodes com o que dizem. Eu confio em ti!

Ella sahiu.

Feliz. Orgulhosa de seu marido. Sorrindo aos risos máos que lia em todos os rostos que a contemplavam...

Cantou. Riu. Contou casos engraçados á si propria...

E o dia se passou.

Cahiu a noite.

Pela madrugada, emquanto John dormia, Lou percebeu um assobio que era muito conhecido seu.

Relutou. Depois quiz ir. Depois relutou. Depois sentiu a attracção. A attracção que ella não sabia resistir...

E foi.

Era Maxime.

— Deixo-te. Mas para que parta, quero que me des dinheiro. Tens?

Lou hesitou. Tinha economias. Mas... Pensou na proposta. Elle partiria. Ella, para sempre, ficaria socegada. Acceitou.

Minutos depois, sorrateira, sahia de novo de casa e trazia o ultimo dos seus guardados.

— Aqui tens...

Ao sahir, Lou não percebera a sombra de John que a seguia...

— Lou... Tenho sido um réles canalha! Garanto que jamais perturbarei tua vida! Beija-me. Quero levar commigo, pela ultima vez. O sabor dos teus beijos que sempre senti sem alma...

Lou se apiedou. Achegou-se á elle. E elle beijou-a. Longamente. Grandemente.

Não tinha dado tres passos. E um pesado murro o atirava a distancia.

Era John.

— Ordinario!

E a luta travou-se. Ali. Com aquelles abysmos aos pés. Sujeitos á morte, ao menor descuido...

A luta foi breve. O odio. A colera. Tudo junto! Fizeram mais pesados os punhos de John. E foram elles, impiedosos, que atiraram o corpo de Maxime. Para se arrebentar todo, lá em baixo, ao encontro dos rochedos impassiveis...

E Lou esperava, pregada ao chão. Estuporada e insensivel.

John voltou. Ao passar perto della. Parou.

— Tu...

Olhou-a. Ella não estava suplice e nem humilde. Estava parada e rija como um daquelles rochedos impassiveis que ali estavam...

— Tu... Canalha!... Somme! Se me appareces aqui, de novo...

E entrou. Ouviu-se o bater da porta e a luz que se apagou.

Lou caminhou. Lentamente. Como se um grande e pesado somno a conduzisse, somnambula...

Desceu á praia. Tomou o bote que John lhe dera de presente. Para elle entrou. E, pelo negro da noite. Açoitada pelo vento. Atormentada pelo eterno rugido do mar, summiu a canôa que a conduzia...

—O—

Pela manhã seguinte, procuraram John.

— Soltaste tua canôa?

Elle foi ver.

Ella estava de volta. Despedaçara-se ao encontro do rochedo.

Dentro della, a mão de John apenas encontrou um resto de camisa de dormir que ficára preso ao prego de uma das bordas...

Azas do Coração

(FIM)

go. — Eu ouvi a razão do teu fracasso! Foi aquella maldita piada.

E, ali mesmo, concertaram um bom plano. De facto, dada a sua má experiencia, não podia continuar. Mas seria tomado ao serviço delle Williams e, como seu mechanico, iriam auxiliar as tropas que se achavam em Nicaragua, dominando um levante armado.

Phelps concorda.

—O—

Já se achavam em Nicaragua quando Elinor chegou no trem de soccorro. E lá, afastados do campo de acção, em horas de descanso, os tres conversavam. Sendo que Phelps qua-

(Termina no fim do numero).

Uma hora com Raul Schnoor

(F I M)

Já não são poucas as perspectivas que se offerecem... A *Cinédia*, mesmo, já o tem estudado para o principal papel de um dos seus proximos e principaes trabalhos.

Para as pequenas, será o ideal. Embora algumas o prefiram para "irmão mais velho"... Para os rapazes, é um camaradão.

Depois, ver-se o carinho com que Raul trata os seus. Particularmente sua mãesinha, que tanto quer. E' affirmar a excellencia dos seus grandes dotes de coração. Que, juntos ao de espirito que possue, em quantidade, tornam-no uma figura das mais interessantes e sympathicas do Cinema Brasileiro.

As transformações do amor . . .

(F I M)

Seus companheiros, eram os livros e os pensamentos. Sempre fôra contrario ás maneiras de Hollywood se divertir.

Agora, elle tambem se diverte... E' difficil, é logico, o principio. Certa vez deixou as irmãs cantando *Remembering* e foi para casa, louco a procura do seu chinello sem esthetica...

Mas isto vae aos poucos. Eu creio, por certo, que ainda o veremos, daqui para diante, dizendo, diante do microphone. "Hello! Hello, everybody!"... Isto, porque elle ama profundamente Vivian. E ella, como se sabe, é das creaturas mais populares de Hollywood. E, assim, elle será forçado a acompanhal-a até á chás de caridade...

Janet Gaynor, tambem fôra assim. Eram raros os que a viam, fóra do Studio, em passeios ou reuniões. Agora, depois que se casou com Lydell Peck, mudou, radicalmente. Seu nome já orna listas de convidados e já figura em columnas sociaes de jornaes.

Elle, o Lydell, é frequentador das melhores rodas sociaes. E, assim, está agora treinando a esposa para que se transforme, em breve, em luz brilhante da sociedade Hollywoodense...

Nick Stuart, por sua vez, affirmou, sempre, que elle positivamente não dava para viver num lar, jogando cartas com uma esposa.

Hoje, coitado, joga quantas vezes Sue Carol quizer e até diz, em jornaes, que acha o lar a cousa mais deliciosa deste mundo...

As superstições de Hollywood

(F I M)

dos films, é outro ponto em que a superstição vae buscar observações interessantes. Alguns, acham que nunca devem assistir á essas exhibições que quasi sempre se fazem sómente para o pessoal interessado, antes do publico. E outros, ao contrario, acham que é justamente isso que lhes dará sorte...

Edwin Carewe, que, diga-se, absolutamente não é supersticioso, confessa, no emtanto, que tudo lhe corria mal, na sua carreira, até o instante em que se encontrou com um mendigo andarilho que lhe disse, sinceramente, que o que lhe dava má sorte, era o seu nome. E que devia trocal-o. Discutiram longamente o assumpto e, afinal, o mendigo escolheu Edwin Carewe para ser o nome que sorte lhe traria...

Certos cantores, tanto protestantes quanto catholicos, costumam fazer o signal da cruz antes de iniciarem os seus numeros.

John Boles, quando está para cantar, não gosta que ninguem assovie ou cante os seus numeros. Porque acha que isso o fará fracassar quando chegar a sua vez.

Grant Withers, então, não trabalha mais com a mesma vontade, porque, diz elle, tudo está perdido, desde que haja uma vassoura no "set". E, para tirar o azar, traz sempre comsigo um alfinete de sorte...

Lila Lee, por sua vez, acha que a falta de sorte vem se for encontrado um pedaço de fazenda ou de linha pendente da caixa de costuras...

Assim são todos elles. Cheios de superstição. Temendo gatos pretos. Soffrendo de sustos e mais sustos, sobre cousas as mais infantis.

Até eu, fazendo este artigo, depois de conversar com todos elles, estou aqui me benzendo para que não me dê azar...

Rio Rita

(F I M)

do Rio Grande, na banda mexicana. E, sem que ella percebesse, transformava-o em cabaret e club de jogatina.

Para distrahil-a e convencel-a, elle lhe offerece nova e mais sumptuosa festa.

Tudo corria animado. Cantos. Dansas. Luxo e alegria. Bôa musica.

Só o sorriso de Rita é triste e só não existe alegria no seu semblante.

Subito, de um dos cantos do immenso barco, ella vê que a chama um homem mascarado.

Dirige-se á elle e, de prompto, reconhece Jim.

— Rita. Não ha tempo a perder. O que é que te preoccupa?

Ella se quer afastar. O magnetismo daquelle homem e a alegria que sentiu, revendo-o, foram mais fortes. Ficou.

— Disse-me, Ravenoff, que és chefe dos rancheiros, do Texas e que Roberto, meu irmão, que tanto quero, é Kinkajou e que o vaes prender.

Jim olhou-a bem nos olhos. Depois sorriu e beijou-lhe amorosamente a mão que tinha entre as suas.

— Não creias, querida. Roberto está innocente. Sou, realmente, chefe dos rancheiros do Texas. Mas isto só lhe deve trazer socego. Comprehendes?

— Sim, Jim. Havia, em mim, alguma cousa que me dizia que não te irias voltar contra o meu querido Roberto...

Olharam-se. Não havia tempo a perder. Rapido, Jim explicou-lhe o plano. E ella lhe prometteu todo auxilio. Depois, ao se separarem, Rita e Jim, num lance de irresistivel paixão, cahiram nos braços um do outro e, labios unidos, sentiram, fortes, os corações cada vez mais emocionados e cada vez mais apressados...

Depois elle se foi. Saltou a murada. E ella, procurou Roberto.

— Temos que distrahir o General. Ajuda-me!

Dirigiram-se ao grupo aonde elle estava.

— Rita! Aonde estava?

Começaram a passear.

— General, hoje está tão sympathico...

Engolpharam-se em conversa. Roberto espreitava os sicarios de Ravenoff, todos distrahidos, igualmente. E, emquanto isto, sem que elles o presentissem, o barco atravessava o rio, todo e, já na outra banda, a dos Estados Unidos, era amarrada com cuidado.

Num instante deu-se o panico. Innumeros homens saltaram a murada.

— Ravenoff, renda-se!

Eram centenas de revolveres apontados aos peitos dos presentes. Ninguem se moveu.

— Aqui estão as provas de que és Kinkajou. E, agora, estás preso e vaes ser entregue á justiça summaria dos que roubaste!

Elle sorria.

— Não me ousarás prender! Estou ao lado da minha terra!

Jim sorriu. Rita já delle se avizinhava e Roberto tambem.

— Mas já se deu ao trabalho de averiguar?

Ravenoff olhou. Palido, vendido, entregou-se aos homens que o algemaram. E, livre Roberto de outras suspeitas, promoveu uma saudação enthusiastica a Jim.

—o—

Todos se foram. Só ficaram os dois.

— Rita, me amas?

— Meu Jim...

— Queres ser minha, pela vida toda?

— E tu, queres muito á tua Rita?

Beijaram-se. Foi um beijo longo. Apaixonado. Meigo e suave.

—o—

Casaram-se. E, até hoje, ás margens do Rio Grande, ainda se lembram desse casamento que foi o mais imponente e faustoso de quantos já ali se haviam realisado...

(Especial e exclusivo para "CINEARTE").

Negar não posso

(F I M)

mais anciosa por abrir aquellas grades para o homem querido... Para ser solto CASEY precisava nada menos de, dez mil francos... WINNIE corre a todos os lados na ansia de conseguir aquella fortuna. Ninguem lhe attende o appello. Ha um empresario que lhe promette adiantar aquelle dinheiro, mas só lho entregará uma semana depois... IRIS, por sua vez, consegue o dinheiro e com elle liberta o namorado... Ao dia seguinte, WINNIE, o dinheiro do seu sacrificio maior nas mãos, corre á soltar o homem querido não mais o encontrando... Embalde procura-o, chorando as suas mais amargas lagrimas por não mais saber delle...

Um dia, com immensa surpresa WINNIE é chamada para figurar como "estrella" do elenco da mais famosa companhia da Broadway. Sem saber explicar a si mesma a causa do convite, acceitou-o começando a trabalhar e a fazer um successo louco.

Longos mezes assim ficou, a sua felicidade incompleta, é verdade porque o seu amor não mais lhe appareceu... Uma tarde — essa tarde que sempre vivemos em nossa vida!... — recebeu um chamado urgente... "Um rapaz que agonizava, num hospital, a mandara chamar... Louca de dôr WINNIE correu ao encontro do appello, que adivinhou, lógo, ter partido do seu grande amor. Chega a tempo de beijal-o ainda com vida e de cerrar-lhe as palpebras, para o somno eterno, com os seus beijos, beijos que IRIS ali presente, tambem deixou na fronte do homem que morria e que deixava no mundo, agora emmurchecidos, os seus dois amores...

—o—

WINNIE, nessa mesma noite devia representar. E ao encaminhar-se para o palco, amargurada, procurando dar á mascara uma expressão mentirosa para disfarçar todo o seu immenso infortunio encontrou o gerente do theatro, que, contristadissimo, a procurava para dar-lhe uma noticia desnorteadora.

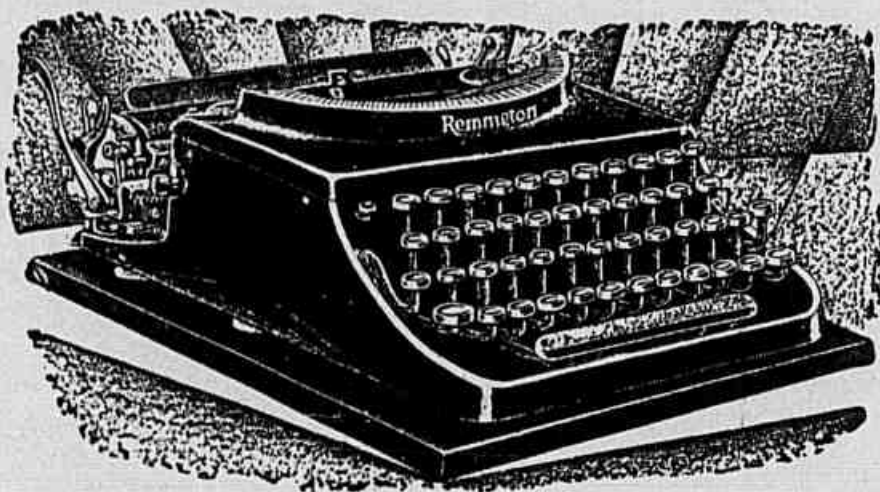
— Que há?

— E' que, balbuciou o gerente, a vóz tremula, tremulas, as mãos...

— E' que morreu o CASEY o nosso capitalista!...

WINNIE ouvindo-o teve a envolver-lhe toda a immensa angustia uma onda immensa de alegria!... E interpellou, mais e mais o gerente que acabou lhe confessando:

— Elle offereceu-se para ser o nosso capitalista, impondo-nos as condições de a fazermos "estrella" mas de nunca dizermos que elle nos amparava financeiramente... E feliz, no seu grande infortunio, WINNIE seguiu para o palco, para colher mais uma gloria...

(De Barros Vidal para "CINEARTE")

OS PREMIOS D'"O TICO-TICO"

O Tico-Tico, a querida revista das creanças, entre os valiosos premios que distribue aos leitores nos seus concursos semanaes, incluiu alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Esses livros constituem collecções completas, de 9 e 12 volumes cada uma, das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade" divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Iça rainha — Bella, a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo. "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos. III — Basilio da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac. Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para premios d'*O Tico-Tico*, demonstrando, desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito, aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.

"O TICO-TICO" é a melhor revista infantil.

Azas do Coração

(FIM)

si sempre evitada a companhia de Elinor. Um Williams o chamou, alegre e satisfeito.

— És o unico a quem posso pedir esse favôr.

— Pede-o!

— Queria que pedisses a mão de Elinor para mim.

— O que?

Abysmou-se. O amigo insistiu. Elle foi. Não havia remedio.

— Elinor...

— Afinal, fala commigo...

— E que mal lhe fiz?

— Nenhum. O que me traz aqui, Elinor, é Williams. Elle me pediu que aqui viesse e pedisse tua mão em casamento para elle,

— O que?

— Sim! Aqui estou para te pedir que sejas a esposa de "Panama" Williams!

— Mas Phelps...

— E' melhor que não digas!

— Direi. Direi, porque não me envergonho disso Phelps! Sei que me ama. E eu lhe amo, tambem! Com toda minha alma! Com toda minha vida!

— Elinor...

Quando sentiram, tinham os labios collados. Beijaram-se com todo o ardor daquelle amor que lhes parecia impossivel e que trazia, para elle, um sabôr amargo de trahição...

Largaram-se.

— Elinor, eu direi tudo a Williams! Que ajuize como entender.

— Faz bem. Eu tambem lhe direi tudo...

Phelps seguiu para o acampamento. Entrou, rapido e nervoso, pela barraca de Williams a dentro.

— Williams!

Elle se achegou, afflicto e sorrindo á resposta favoravel que esperava ouvir.

— Não te devia dizer nada. Mas sou forçado a te dizer tudo!

— Pois fala!

— E' a mim que Elinor ama!

A scena foi rapida e Williams atirou-lhe uma bofetada. Violenta e brutal. Phelps não reagiu. Williams arrumou-lhe um tremendo murro. Atracaram-se. E, ahi, então, a luta foi brutal.

— Canalha!

— Ainda comprehenderás!

— Trahidor, miseravel! Andas sempre para traz, é exacto!

— Ainda comprehenderás, repito!

E os murros succediam-se. De forças identicas, ambos resistiam. Foi quando mais fuzileiros se acercaram e ambos foram apartados.

— Deverá ser preso?

— Não. Fui eu que o agredi! A' este typo ordinario e sem brio!

Dias depois, Phelps demittia-se do corpo e era transferido.

* * *

Seguiram-se lutas terriveis entre os bandidos e as tropas ali aquarteladas.

Phelps no exercito, agora.

As proezas de Williams, ali passaram a ser celebres. E Phelps, por seu lado, completamente desilludido, fazia loucuras que eram tidas em contas de bravuras.

Um dia, num dos combates, Phelps, cahindo e ficando distante de seus companheiros, perde-se nas selvas. A noticia é dada ao corpo de aviação. E é Williams que, sem saber, o vem salvar.

Lá de cima, vê o seu rival. Procura o melhor logar para aterrissagem. Desce.

— Phelps!

— Williams!

Nada mais disse. Tombou nos braços de Phelps. Estava ferido por um tiro de metralhadora.

Ali houve uma serie de minutos de indecisão.

Bandino e seus homens, bandidos conhecedores profundos daquelles sertãos, avizinhavam-se. Ali, para elles havia a captura de um avião. E, assim, para tanto não mediam sacrificios.

Williams desacordado. O avião ali, a dois passos. A resolução veio, rapida, ao cerebro de Phelps.

Emquanto o cerco se approximava, mais e mais, Phelps atirou o corpo do amigo para dentro do avião e, tomando-se de subita coragem, decolou.

Minutos depois, com espanto geral de todos, uma aza partida pela metralha de Bandino, que em ultimo recurso o alvejara, Phelps fazia aterrissagem de mestre e punha-se firme ao lado dos outros aviões da base.

Todos o acclamaram. Williams, de lá transportado foi para a enfermaria.

* * *

— Phelps. Desculpa-me. Foi o despeito que me deu aquelle impulso colerico!

— De nada, Williams. Eu sabia que ainda continuariamos amigos a forma do costume.

Abraçaram-se. Depois, emquanto continuava suas aventuras pelos ares, Williams deixou que Elinor cahisse para sempre nos braços de Phelps e que este, insaciavel, a beijasse, soffrego, pelo resto da vida toda...

(Especial e exclusiva para **CINEARTE**.

Leiam "*O Malho*" do proximo sabbado.

Os Menestreis

(FIM)

que Billy dormisse para que declarassem, ambos, a um só tempo.

— Mary, quero-te tanto...

— E eu, meu querido?...

Beijaram-se longamente. Acariciaram-se. Ambos precisavam de carinhos. Um, já se sentia invadir pelo desanimo. A outra, sentia na alma um vacuo que só a meiguice de Ryan poderia applacar.

* * *

No dia immediato surgiu ali o coronel Lane. Viéra procurar a filha.

— Seu patife! Sempre a querer desviar minha pobre pequena do bom caminho... Sabe? Basta uma! E aquelle pequeno, o Billy, é meu neto. Vae commigo!

Olharam-se. O velho, colerico, parecia intransigente. Rainbow Ryan, offendido, pensava numa reação.

Foi ahi que falou a consciencia. Elle é um pobre diabo. O pequeno, com o velho, teria conforto e seria educado. E Mary, Poderia ser feliz ao seu lado? Elle sem siquer um emprego?...

Achou que não tiiha razão. Resolveu-se ao sacrificio.

— Coronel...

— Não me diga que ama Mary! E nem que quer Billy em sua propria companhia. O que lhe dará você? Educação? Talvez a mesma que tens...

— Tem razão! Pode leval-o!

O pequeno não quiz. Mas Rainbow apanhou-o pelos hombros, olhou-o bem nos olhos e, firme, disse-lhe.

— Billy eu quero que sigas o Coronel Lane.

Foi o bastante. O pequeno continuou chorando. Mas a tudo se promptificou, já que era a vontade delle.

Foi Mary que não se conformou. Chegou-se á elle.

— Mas Rainbow, escuta!

— Não te quero ouvir!

— Rainbow! Mary, a tua Mary? E por que não me queres ouvir? Olha, sabes, dize que me amas e eu te seguirei, por alegria e miserias!

— Não, Mary! Foste para mim um passa tempo. Sabes. Sou um bohemio. Hoje aqui, amanhã acolá! Não deves mais pensar em mim...

Aquellas palavras attingiram o alvo. Ella, pobrezinha, pensára que era tudo para elle. E elle, assim, com tamanho despreso, dizia-lhe que ella nada mais era do que um passatempo...

Sahiram. Apenas Rainbow ficou. E elle, sacudido de soluços, sentia, agóra, o peso brutal daquella separação e da infelicidade toda daquelle amor assim bruscamente interrompido...

Desillusão. Tristeza. Acabrunhamento. Era tudo que seu coração sentia, De novo fazia elle parte da companhia de Hardy. E, de novo, achava-se perto de Mary. Na cidade mais vizinha daquella que o Coronel Lane habitava.

Um anno se passára. Um anno que se traduzia, para elle, em lagrimas de amargor e tristeza immensa dentro do coração derrotado.

Houve a estréa.

Chegou a vez de Rainbow Ryan cantar.

Elle o fazia com tamanho sentimento, com tamanha tristeza, que a todos commovia.

Emquanto cantava, pelo **flou** das suas lagrimas expontaneamente sahidas dos versos tristes da canção, percebeu, na primeira fileira, um rostinho conhecido.

Fixou o rosto. Desfez-se o **flou**. Sim! Não havia duvida possivel! Era Mary, a sua Mary adorada...

O que se passou, a todos surprehendeu. Elle, sem nada mais ver, atravessou a distancia que o separava de Mary. De joelhos, amoroso, beijando-lhes as mãos, elle disse a Mary tudo o que sentia. A tristeza que seu coração supportara. As agonias que vivêra. Tudo!

— Agóra, querida, tenho fama! A tristeza que deixaste em meu coração, deu-me este tom maguado á voz, que todos apreciam tanto e que todos tanto applaudem... Vês? Ouves?

Eram as palmas freneticas do publico. Elle pensava, sempre innocente, que se tratava de um numero extra que elle Rainbow tão bem representára...

O Coronel Lane procurou-o. Apertou-lhe a mão.

— Rainbow, tens bom caracter. Minha filha tem estado tão triste. Meu neto tão acabrunhado... Acceitas a minha amisade?

Rainbow abraçou-o. Depois, feliz, apertando ambos os que amava pelos braços, passou elles horas e horas, contanto a ambos as vicissitudes por que passára até chegar áquella villa, ali, que acaba de lhe restaurar toda a felicidade que suppunha perdida...

O Billy, pequenino e criança, adormeceu.

Levaramn-o para o quarto.

O Coronel tambem dormia.

Somente elle e ella não dormiam e se beijavam com ardor intenso e com saudade, nos beijos...

(Especial e exclusiva para **CINEARTE**.

GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS

"O MALHO"— que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme sucesso que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico, ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente ineditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passatempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES:

O presente concurso se regerá nas seguintes condiçoes:

1) Poderão concorrer ao grande concurso de contos brasileiros de "O Malho" todo e quaesquer trabalhos literarios, de qualquer estylo ou qualquer escola.
2) Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almaço dactylographadas.
3) Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.
4) Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citarem-se factos estrangeiros.
5) Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.
6) Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo. acompanhados de outro enveloppe fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.
7) Todos os originaes literarios concurrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.
8) E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam ineditos e originaes do autor.

PREMIOS:

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar...........	Rs. 300$000
2º "	Rs. 200$000
3º "	Rs. 100$000
4º, 5º e 6º collocados	Rs. 50$000 cada

Do 7º ao 15º collocados — (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para Todos...", Cinearte" ou "O Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO:

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO:

Após o encerramento deste certamen será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidis, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE:

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o "Grande Concurso de Contos Brasileiros.

Redacção de "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

Sombras de Gloria

(FIM)

Abriu o alçapão que dava para o jardim e, tremendo de colera, viu um homem, bem junto a Helena. Segurando-a, amoroso, dizia-lhe, ao ouvido, phrases de amor. Ella, nem o afastava de si e nem o ouvia com emphase. Doido, roido de ciumes, fixou a physionomia do homem. Era louro. Alto. Forte. A sua physionomia não lhe era extrenha. Pensou. No seu cerebro, por minutos, vôou uma multidão de pensamentos.

— Elle!

E, ahi, rapida, veio-lhe a lembrança. Sim: Era elle, mesmo: Um allemão. Juntos, num buraco de granada, estiveram envolvidos pela camada de gaz que invadia o ambiente todo. E elle, sem mascara, iria morrer, miseravelmente, se não fosse a mascara que Eddie sobre o rosto lhe jogou, salvando-o, para, mais tarde, ficar desgraçado...

Não se conteve. Salvara-o. De sua terra, distante, viera ella para lhe roubar a esposa?

Correu. Apanhou a pistola e, sem mais pensar, desfechou. Ao estampido, seguiu-se a quéda pesada de um corpo e um grito de mulher...

Carl Hummell tombou morto. Não éra mais do que amor que elle declarava a Helena. Sabendo, momentos antes, que seu esposo éra o homem que lhe salvára a vida, elle, que era medico, jurara-lhe salvar o esposo. E, naquelle instante em que Eddie os viu, estava num momento em que não resistira e, sem esperança, confessava a esposa todo o amor que lhe tinha. Amor infeliz e sem esperança, era certo... O tribunal reunido, julgava o crime de Eddie. A palavra do promotor já fôra ouvida. A accusação, terrivel e medonha, ferira-o de morte. Jean, o garoto, testemunha de vista do crime, não pudera mentir. Confessara que o crime de facto fôra commettido, muito embóra seu pae fosse um homem correcto, digno e incapaz de uma villania...

E, quando já todos contavam com a condemnação delle. Pelo accumulo de provas.

Pela accusação do promotor. Entrou o seu advogado de defesa. Contou o passado de Eddie, cheio de lances de heroismo e bravura, pela patria. Contou a sua historia. A triste historia da sua enfermidade. E, finalmente, arrematando, a historia do seu crime.

De como elle matára, num impeto de odio e ciume, o homem que lhe ameaçava o lar e que fôra, annos antes, salvo por elle, na guerra. E, terminando, eloquente e perito, arrebatou, com satisfação de todos, Eddie, das garras da justiça.

E, juntos, novamente, Eddie e Helena. Jean abraçando-os, elle se sentiu um pouco mais confortado. Mais creio de esperança, na victoria futura da sua cura que progredia. E certo de poder dar á Helena, de novo, toda a sua ternura do seu coração amoroso e terno...

Os Romances das "Vagalumes"

(FIM)

o millionario... E contou-me uma porção de cousas do Ernani e mostrou-me a sua photographia. Mas houve um sussurro ao meu lado que disse, baixinho.

— Ella gosta do Ernani... Quando o Luiz não vem ao Cinema...

Depois falei com a Rosa. A mais quiéta e mais santinha. Esteve callada e sentada o tempo todo. Observando. Sem commentar...

— Eu... O que hei de dizer?

E deu um suspiro profundo...

— O que é que ella tem, está doente, é?...

Perguntei á que estava mais proxima. Ella deu de hombros e, com ironia e crueldade.

Que doente, nada! E' um doutor que vem todos os dias ahi! Isso...

E apontou a tristeza de Rosa...

— Isso é... paixão recolhida!!!...

Rosa tornou a suspirar. Depois sorriu. Tornou a sorrir. E quedou silenciosa...

Foi só.

São as pequenas do Capitolio.

Duas, perigosas, com veneno. Matam a gente... Leonor e Ruth.

Uma garotinha e lourada. Sempre rindo e sempre brincando. Yvonne.

Outra, sympathica e apaixonada. Queixando-se das mulheres... Dilma.

E a ultima. Silenciosa. Romantica. Apaixonada e meiga. Como um film da epocha em que os films ainda não falavam... Rosa.

* * *

As pequenas do Imperio, todas, quando formaram o grupo e se deixaram photographar. Estavam mais serias do que o ex-presidente Coolidge... Batiam o Buster Keaton...

Depois... Havia mais tempo. As do Capitolio entravam em serviço. A conversa foi apressada. Mas as do Imperio começam a trabalhar mais tarde. Havia mais tempo...

E começaram, aos poucos, ao passo que passava a desconfiança. Porque até pensaram, no minimo, coitadinhas, que éra assim alguma inspectoria do governo que as queria photographar...

Quando passou a desconfiança, fallaram. Aqui está o que disseram. Talvez por serem mais caladas. Mais quiétas. Têm a observação mais aguda...

A primeira que falou, contando-me cousas... Foi Flora. Flora Navarro.

Perguntei-lhe, antes de mais nada, se havia, algum dia, presenciando fitas nas platéas...

— Òra... Nem me fale! Imagine que houve um dia, aqui, que eu me achei atraz dos balcões. Sessão de pleno dia. Vi que um casalzinho, bem defronte de mim, estava muito agarradinho... Avizinhei-me. Gosto tanto de apreciar os idyllios reaes... Porque já têm sido tanto os que presenciei na téla... Houve algum desarranjo na machina. Accenderam-se abruptamente as luzes. Fui quasi apanhada espiando-os, ambos se voltaram para o meu lado, assustados. Ella não tinha mais pintura nos labios. Porque toda ella se fôra para os labios delle...

Riram-se todas. Ahi falei á Maria Pires. Outra morena côr de canella... Tambem esperta e aguda observadora...

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1.037. Officinas: 8-6247.

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

— Eu... A cousa que mais achei graça, foi outro dia. Como sabe, estamos com uma temporada ingleza, não é? São sem conta os inglezes que aqui têm vindo. Pois bem! Um delles, ha dias fez-me uma completa declaração de amor. Com todas as phrases terminando em **love** e mais vermelho e mais loudo do que um boneca de vitrina de brinquedos... Quanto a scenas de amor... Garanto-lhe que se esses balcões falassem... E' aqui, creio, o maior ninho que os casaezinhos encontram...

E terminou, dizendo que não me esquecesse de annotar a sua grande admiração por Charles Rogers e Nancy Carrol..

Depois foi a Iracema Pires que falou. Contou-me diversas cousas. Disse-me, por exemplo, que quando guia a pessôa muito para frente, que reclamam que não são myopes. E quando não as levam para a frente, ouve gritos e reclamações que não enchergam porque são myopes... Que um dos seus maiores trabalhos, são os rapazes que fumam, na sala de exhibição e que não toleram serem avisados que não o façam...

Perguntei-lhe algo sobre namoros que houvesse presenciado.

— Ah!... Precenciei um caso estupendo. Exhibia-se um film muito cheio de scenas de amor. Na téla, os beijos eram sem conta. E, bem defronte ao ponto onde me achava, havia um casalzinho. Conversavam o tempo todo. Baixinho. Elle, falando aos ouvidas della. Ella, ouvindo e suspirando... Depois, olharam para a téla. O galã tinha a heroina nos braços e beijava-a... Foi a conta! Elle se esqueceu, talvez, de que estava num Cinema e, escandalosamente, beijou-a com mais fogo e mais amor do que vinte galãs da téla... Quando o **clinch** foi separado, verificou-se um facto engraçadissimo. Elle, com o impecto, arrebatara-lhe o collar... E, com o barulho das perolas cahindo no chão, todas, alguns começaram a rir, e ambos se ergueram e sahiram, rapidos e encabulados como collegiaes apanhados em falta...

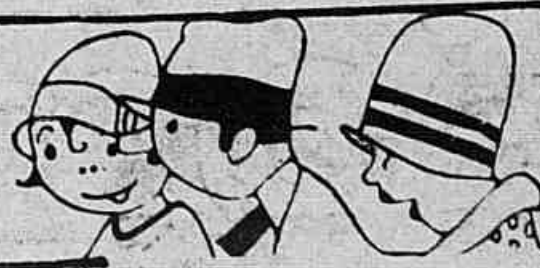
Maria Deolinda, em seguida, disse-me que Maurice Chavalier era o seu artista predilecto. E, antes que eu perguntasse, ella me contou.

— Sabe, tambem vi um "casa... Deu-se assim. Na primeira sessão, de um film de semana, nos balcões quasi vasios, sentou-se um casal. E um garotinho de seus 5 annos. Puzeram-no na ponta. E, assim que começou o film, amoroso, começaram a se beijar, sem ligar a nada. A se acariciar, sem nada ver. Durante o intervallo, o pequeno, que se mostrava attento ao film e sem nada perceber do que ao seu lado se passava, olhou pelos que ali estavam. De repente, gritou. "Mamãe! Ói lá Papae!...". E foi um reboliço. Um senhor que estava na frente, voltou-se. Sorriu ao pequeno e, logo depois, empallideceu. Rapido, o rapaz ergueu-se e mais rapido ainda sumiu-se. Ella, encabulada e olhos arregalados, olhava o homem que se appoximava. Elle se chegou. Agarrou o pequeno. Pol-o nos braços. E, brusco, disse á mulher. "Venha! Para nós, a sessão acabou!" E sahiram...

Depois, foi a Lucia que falou. A Lucia Ribeiro.

Contou-me que estava apaixonada. Pelo Armando... Mas que o Armando... Porque o Armando... E só falou nelle. No Armando...

— Mas... não tem um caso interessante... Um romance...

— Romance? Não sei se é romance. Mas, um dia... Lembro-me muito bem. Ella entrou, logo depois delle. Trazia uma expressão de dôr nos olhos pisados. Procurou-o. Perguntou-me. "Não viu

um moço alto, forte, que entrou aqui agora mesmo?" Eu tinha visto, sim. Levei-a para perto delle.

Como estivesse com a attenção no film, fiquei alguns segundos ao lado de ambos. E ouvi um trecho rapido de dialogo — "Eu te peço! Vem! Papae, hontem, soube de tudo! Elle disse que se você não apparecer, que elle me mata... Elle falou baixo. Não ouvi. O que sei é que elle se ergueu. Num impecto. Quasi me atirou ao chão, de tão brutalmente que se retirou. E ella, quasi dobrada sobre os joelhos. Começou a soluçar violentamente... E' romance? Eu acho que é uma das novellas mais conhecidas, até...

Foi só.

Estava na hora de descerem. Deixei-as. Pediram-me que não fosse indiscreto...

No Palacio Theatro, depois de photographadas as indicadoras Elvira de Mattos e Dulcina Cunha, ao lado da bilheteira Augusta de Sá, abordei-as.

Queria ouvil-as! Sobre alguma cousa de notavel que se tenha passado nesta sala de exibição... Naturalmente, estando sempre atraz deste publico, todo, poderão ter observado qualquer cousa interessante...

Uma dellas, a Dulcina, ainda muito menina, estava ainda assustada com o tiro do magnesio. A outra, a Elvira, com uma vontade muito grande de rir, respondeu, fazendo-se séria, como que instruida...

— Não... Nada presenciamos.

— Mas... Nem cortejadas têm sido?

— Cortejadas?

— Sim, namoradas, **flirtadas**...

— Ah!... Não! O pessoal aqui vem por causa dos films e não por nossa causa. E, francamente nunca vimos nada de anormal...

— Olha que eu inventarei umas historias...

— Pode inventar! Mas aqui, francamente, nunca vimos nada...

E sahiram, rindo. Ainda ouvi um trecho do dialogo de ambas.

— Você viu! Elle poz aquelle posinho... E, depois... Pum!!!... Você assustou? Eu não!...

Comprehendi, então, que era mesmo muito cedo para observarem qualquer cousa deste mundo...

* * *

E foi só. Figurinhas que recebem as zangas dos exigentes. Os galanteios dos Menjou. A ousadia perigosa dos William Haines. As brutalidades dos Claude Gillingwater... têm, todas ellas, tantas cousas interessantes a contar...

Corações femininos, sempre estão sujeitas á tentação constante do mundo. Almas pacientes. Boas. Aturam, sempre com um sorriso e um bom humor que não acaba, todas as vicissitudes do emprego...

Acham-no ruim?

Não! Todas gostam delle. Sentem-se felizes. Só porque no reino das fitas... Das phantasias... Dos romances de mel que as fazem esquecer um pouco a crueldade do mundo e o sorriso mau da vida...

As aventuras das entrevistas

(FIM)

Fui discreto ao extremo num commentario que fiz de Emil Jannings. Ridicularizei-o. Dias depois recebo um convite seu para jantar em sua casa. E assignava assim. "Um homem que não teme a critica...".

Escrevi, sobre Pola Negri, com a mais cruel honestidade. Enviou-me ella um telegramma que terminava assim "E' provavel que, agora, arranjem-me os productores melhores argumentos...

O homem que me deu a maior tristeza, foi David Wark Griffith. Visitei-o no Hotel Astor, de New York.

Elle se sentava em torno de livros velhos de escriptores de nomeada. Havia quasi que uma desordem em tudo que o circundava.

Pallido ao ponto cadaverico, enchia elle o ambiente de profunda melancolia. O maior dos sentimentalistas, é, elle, o homem que a vida espatifou. Sem maiores illusões, como artista, elle ainda é, no emtanto, capaz e intelligente.

Seus films, imaginados em escalas gigantesca, eram provas dos seus limites como artista.

Mas, falando, não se nota mediocridade nelle Consciente, não perde elle forças nas suas expressões verbaes.

Ha tempos elle disse que a intelligencia normal dos frequentadores de Cinemas era a de uma criança de 8 annos. Parecia-me que elle havia descoberto isto justamente no dia em que se encontrou commigo...

Griffith soffre de chaos sentimental em sua alma... A sua intelligencia era sufficiente para o levar aos successos mais merecidos. Mas não conseguiu fazer com que elle produzisse mais do que aquelle seu film Klu-Klux-Klan, "The Birth of a Nation"...

Antes de tudo é elle um homem para cousas espectaculosas. Mas artista, elle só o é pela metade... Um artista completo, dando realismo aquelle film, não poderia causar, como elle causou, accrescimo de odio para os negros do Sul. O coração e a mente de Griffith estão, ha muito, saturados de guerra civil. Elle é, antes de tudo, o filho de um General de Kentuck, chamado, se bem me lembro, "Hell-Rosaring Jack". E o filho de um homem de tal nome, não pode, em absoluto, ser um Anatole France...

Ao contrario da opinião publica, Cecil B. De Mille é mais afavel para com o reporter do que todo os outros directores de primeira categoria.

Os seus films, que apresentam ideas medias sobre luxo, podem affirmar que são obra de um homem que conhece o seu publico. Não ha homem, no terreno da diversão publica, que melhor conheça o seu officio.

Que elle pode mudar bruscamente e, apesar disso, continuar mantendo a audiencia, mostrou elle com o formidavel successo de bilheteria que foi "Dynamite". Tendo todos os ingredientes inherentes aos melodramas baratos, tem, tambem, mais alguma cousa. Justamente aquillo que o disfarça e o torna pillula doirada para o publico: toques intelligentes de direcção. De Mille é, sem duvida, o Belasco dos films.

Quando o procurei, o palco estava cuidadosamente montado. Entrei num vasto appartamento mobilado em maneira a mais bizarra. Havia, por todos os lados, as maiores provas de mau gosto artistico. Apparentando não se aperceber de minha presença, De Mille deixava-se ficar atraz de uma escrevaninha solida, enorme, que só precisava para se parecer com um esquife, das argolas de prata que serviriam de alças... Por momentos permaneceu elle silencioso. Immerso, sem duvida, no chaos dos seus pensamentos. Não gostou, sem duvida, ter eu entrado pelo seu quarto a dentro sem pedir a devida licença... Sem olhar, ainda, apanhou um papel e, cuidadosamente, ageitou-so para escreve fingindo-se distrahido, apanhou sua caneta tinteiro e escreveu.

Depois assignou. Assignando, parecia, que elle decretava, immenso, a Emancipação financeira de todos os extras esfomeados dos cantos dos Studios...

Esperei pacientemente. Um olho nelle e outro girando pelas circumvizinhancas. Parecia incrivel. Mas tudo aquillo era obra de De Mille... (Não maliciem, por favôr!). Nada mais achou para fazer e para se fingir de distrahido olhou-me... Fingiu-se, mais uma vez, com perfeição, aliás, de surpreso e, erguendo-se rapidamente veio, ao meu encontro, com a mão estendida e um "desculpe-me" muito bem estudado.

Mr. De Mille remorou, na minha presença, todas as estatisticas de films seus conhecidos como successos formidaveis de bilheteria. Ao contrario de diversos

(Continúa no proximo numero)

Offs. Gphs. d'O Malho